



#DESAFIO VISÃO EDUCA

Para você aprender a surfar nas ondas do universo financeiro e previdenciário.

VisãoEduca



Sumário

#Nadando

- | | | | | | |
|----|---|----|--|----|--|
| 03 | Semana 1
Política de Investimentos:
Regras e Limites de
Investimentos | 22 | Semana 5
Finanças Comportamentais
- Parte 2 | 40 | Semana 9
O que é uma Ação |
| 07 | Semana 2
Risco e Retorno | 27 | Semana 6
Dinheiro no Tempo e Marcação
a Mercado versus Marcação
na Curva | 45 | Semana 10
Gestão Ativa versus Gestão
Passiva e Valuation |
| 13 | Semana 3
Perfis de Investimento | 30 | Semana 7
Outros Ativos de Renda Fixa | 52 | Semana 11
Riscos dos Papéis de Renda
Variável e do Ibovespa |
| 17 | Semana 4
Finanças Comportamentais
- Parte 1 | 35 | Semana 8
Crédito | | |



#Semana 1

Política de Investimentos: Regras e Limites de Investimentos

Política de Investimentos: Regras e Limites de Investimentos



Você já acessou a nossa Política de Investimentos?

Vamos apresentar os principais detalhes da estrutura da nossa política e como a utilizamos em nossas decisões sobre Investimentos.

Esperamos que, ao entender sobre como funciona a nossa política de investimentos, você consiga utilizar esse documento para te ajudar a administrar melhor seus investimentos tanto na Visão Prev como fora dela.

A Política de Investimentos é um documento muito importante para o participante, tanto na hora de tomar sua decisão de investimento quanto para garantir os seus direitos. Para você ter uma ideia, está previsto na Resolução CMN 4.661, de 25 de maio de 2018, que é uma legislação específica sobre Investimentos de

Entidades como a Visão Prev, um capítulo exclusivo para tratar desse documento.

A política é estruturada observando o marco regulatório do sistema financeiro e previdenciário nacional, os mecanismos de governança da Visão Prev e as melhores práticas do mercado. Atende ao dever fiduciário e aos princípios éticos, de integridade e de transparência que a Entidade deve ter com seu participante.

Importante ressaltar que o sistema de governança da Visão Prev estabelece mecanismos de controle e procedimentos de tomada de decisão que agregam diversos níveis de decisão, cada um com um papel bem estabelecido, dentro de processos bem definidos, permitindo desenhar deliberações de forma equilibrada objetivando uma visão de longo prazo.

1 O processo de definição da Política de Investimentos inicia-se com a estruturação de análises diversas pela equipe de Investimentos. A construção das análises leva em consideração um complexo conjunto de fatores que envolve o exame dos objetivos da Entidade, das expectativas de evolução fiscal dos entes federativos, das mudanças regulatórias, das condições macroeconômicas atuais e projetadas, dos fatores de risco de mercado, das classes de ativos existentes e o risco de cada uma, dos limites legais estabelecidos pelo arcabouço normativo, dentre tantas outras variáveis.

2 Estabelecidas as linhas de discussão, as análises são levadas para avaliação da Diretoria Executiva e do Comitê de Investimentos, que é um órgão consultivo responsável por recomendar, avaliar e monitorar a aplicação dos recursos da Visão Prev, sendo formado por representantes do mercado, das patrocinadoras, dos participantes e pelo Presidente da própria Visão Prev. Usualmente, a discussão da Política de Investimentos dentro do Comitê ocorre ao longo de todo o segundo semestre do ano anterior a

sua vigência, mas ela é constantemente avaliada e observada em todas as decisões e movimentos referentes a investimentos.

3 Após essa etapa, a Política de Investimentos é apresentada para aprovação pelo Conselho Deliberativo, que é o órgão máximo de administração da Entidade, responsável por analisar e aprovar os principais assuntos ligados à estratégia de atuação. É formado por 6 membros, sendo 4 deles representantes das patrocinadoras e 2 representantes dos participantes e assistidos. Após a aprovação do Conselho Deliberativo a política é divulgada para todos os participantes. as decisões e movimentos referentes a investimentos.

A Política de Investimentos traz informações de grande relevância para o participante. Ela contém tópicos relacionados: aos objetivos do plano, à definição de cada perfil de investimento (quando esse existir), às diretrizes para alocação do dinheiro, às metodologias adotadas de avaliação dos investimentos e gestores, aos riscos existentes e ao sistema de governança.

A Política de Investimentos aproxima a entidade do participante. Com base em seu conteúdo, o investidor passa a conhecer as diretrizes que a Entidade seguirá nos investimentos e os limites que devem ser observados. Assim, é importante que o participante leia com bastante atenção esse documento, para entender mais profundamente e ter melhor segurança sobre seu investimento e adequação à sua realidade.

Em termos gerais, a Política de Investimentos da Visão Prev segue a seguinte estrutura:



Introdução: Apresenta de forma breve os pontos relevantes em torno da Política de Investimentos

Diretrizes Gerais: Determinam as linhas básicas da Política de Investimentos e apresenta papéis e suas responsabilidades.

Diretrizes de Alocação de Recursos: São os Segmentos de Aplicação, Faixas de Alocação de Recursos e Rentabilidade nos Exercícios Anteriores.

- Segmentos de Aplicação: Indica os segmentos de investimentos que podem ser realizados, como Renda Fixa, Renda Variável, Estruturado, entre outros.
- Faixas de Alocação de Recursos: Item que merece maior atenção por parte do investidor, indica o perfil (s) de investimento (s) do plano, estabelecendo regras para distribuição do patrimônio em cada tipo de segmento de investimento. Caso no Plano haja perfis, estes se encontram neste item.

Diretrizes de Alocação de Segmentos: Apresentam as Disposições Gerais, Objetivos da Gestão da Alocação e Metodologias de Gestão da Alocação.

- Disposições Gerais: Apresentam em grandes linhas as diretrizes de alocação.
- Objetivos da Gestão da Alocação: Conceituam e estabelece regramentos em torno de cada segmento de investimento.
- Metodologias de Gestão da Alocação: Apresentam a lógica do método de alocação do investimento.

Política para Gestão de Cada Segmento: Se divide em Cenário macroeconômico, Metodologias de Seleção dos investimentos, Precificação dos Ativos Financeiros, Nível de Risco Admitido e Segmentos de Investimento.

- Cenário Macroeconômico: indica como são conduzidas as análises macroeconômicas.
- Metodologias de Seleção de Investimentos: Estabelecem as linhas gerais de como é conduzida a análise e seleção de alocação por segmento de investimento.
- Precificação dos Ativos Financeiros: Define os agentes e suas responsabilidades pela garantia de precificação dos ativos.
- Segmentos de Investimento: Item que merece maior atenção por parte do investidor, indicam o benchmark, a gestão de risco e a condução da gestão por tipo de segmento e perfil.

Avaliação e monitoramento de risco: Especifica os riscos em torno do investimento, conceituando e descrevendo a gestão de cada um dos riscos envolvidos.

Outras políticas: Apresentam um conjunto de regras, normas, ações e responsabilidades estruturadas de forma a dar segurança sobre a boa governança do investimento. Se divide em Política de Utilização de instrumentos de Derivativos, Alçadas de Investimentos, Descrição da Relação com a Patrocinadora, Descrição do Processo de Escolha de Corretoras, Descrição do Processo de Terceirização de Gestão e Custódia, Participação em Assembleias de Cotistas, Descrição de informações sobre Agente Custodiante, Princípios de Responsabilidade Socioambiental e de Governança, Capacitação dos Agentes Envolvidos nos Processos de Investimentos, Conflitos de Interesse e Responsabilidade.

Vigência: Indica o período em que a política apresenta efeito e possibilidade de alteração.

Como é definido a Política de Investimentos?

Há na Visão Prev 5 Políticas de Investimentos: Plano de Gestão Administrativa, Plano de Benefícios Previsão, Plano de Benefícios Telefônica BD, Plano de Benefícios Visão Multi e Plano de Benefícios Visão Telefônica. A política a ser consultada depende do plano ao qual você está vinculado, com exceção do Plano de Gestão Administrativa, que é transversal aos outros planos.

Ao consultar as Políticas de Investimentos da Visão Prev, talvez você se depare com o que podemos chamar de “sopa de letrinhas”, que são as siglas dos investimentos, e fique um pouco confuso com tanta informação e sem compreender o que elas significam. Mas calma! Ao longo dessa jornada, abordaremos alguns conceitos que vão ajudar você a entender melhor tudo isso.

A person is walking through shallow water, carrying a surfboard under their arm. The water is splashing around their legs. The background shows a beach and the ocean under a hazy sky. The overall tone is warm and golden.

#Semana 2

Risco e Retorno

Risco e Retorno



É comum, quando falamos de um investimento, fazermos a afirmação genérica de que queremos o máximo de retorno com o mínimo de risco. Mas, quando vamos aterrissar essa afirmação, essa lógica não é tão óbvia.

Vocês já devem ter ouvido sobre a definição de perfis de investimento. Quando definimos um perfil de investimento, na prática, aterrissamos a afirmação acima, cruzando o risco e retorno potenciais.

Se olharmos um perfil conservador, subentendemos que o investimento oferece um baixo risco, porém, uma limitação do retorno potencial. Já quando olhamos um perfil agressivo, subentendemos que o investimento poderá trazer um maior retorno, ao custo de um risco maior. Ter retorno de perfil agressivo com risco de perfil conservador não é uma realidade do mercado.

Na prática, os conceitos de risco e retorno andam de mãos dadas, sendo diretamente correlacionados. Vamos falar um pouco mais sobre esses dois conceitos.

Retorno

Vamos iniciar falando de conceitos por trás da palavra retorno. Podemos olhar esse de forma absoluta ou relativa, ambos conceitos importantes para a análise de seu investimento.

Retorno Absoluto Nominal

O retorno absoluto nominal representa quanto meu investimento rendeu frente ao valor inicial investido. Por exemplo:

Ativo	Preço de Compra	Preço de Venda	% Retorno Absoluto Nominal
A	R\$ 100,00	R\$ 110,00	10,00%
B	R\$ 100,00	R\$ 90,00	-10,00%

A fórmula para encontramos o retorno absoluto nominal é:

$$\bullet \quad \frac{[(\text{preço de venda} - \text{preço de compra}) / (\text{preço de compra})] \times 100}{}$$

Retorno Absoluto Real

O retorno absoluto real representa o retorno absoluto nominal menos a inflação do período. Por exemplo, caso a inflação do período tenha sido de 4%, o retorno exemplificado acima ficaria:

Ativo	Preço de Compra	Preço de Venda	% Retorno Absoluto Real
A	R\$ 100,00	R\$ 110,00	5,77%
B	R\$ 100,00	R\$ 90,00	-13,46%

A fórmula para encontramos o retorno absoluto é:

- $$[(\% \text{ Retorno Absoluto Nominal} + 1) / (\% \text{ Inflação} + 1)] - 1$$

Retorno Relativo

O retorno relativo toma como base um benchmark para ser apurado. O benchmark é um índice de referência usado para avaliar o desempenho de uma aplicação específica, normalmente calculado por agente diferente do gestor do investimento. Benchmarks comumente adotados pelo mercado são:



CDI



Selic



Ibovespa



Inflação



Câmbio

Como exemplo, poderíamos considerar o CDI como benchmark para avaliar o desempenho de um investimento. Considerando que o CDI foi de 5% no período, o investimento exemplificado acima teria o seguinte retorno relativo:

Ativo	Momento da Compra	Momento da Venda	% Retorno Relativo
A	R\$ 100,00	R\$ 110,00	200%
B	R\$ 100,00	R\$ 90,00	-200%

A fórmula do retorno relativo pode ser expressa da seguinte forma:

- $$(\% \text{ de retorno do ativo}) / (\% \text{ de retorno do benchmark})$$

Esse tipo de visão é adequado para avaliar a performance do gestor do investimento, sendo que para isso é preciso ter bem claro qual é o benchmark e o tipo de gestão que será feita.

Nesse ponto, é importante destacar o que é chamado de gestão passiva e gestão ativa. Se a gestão do investimento for passiva, o gestor deve ficar colado ao benchmark. Isso inclui que se o benchmark estiver caindo 2% no dia, o investimento também cairá próximo de 2% no dia. Já na gestão ativa, o gestor deve visar um rendimento maior do que o benchmark estabelecido, mas isso também pode significar que em uma queda de 2% do benchmark, o investimento pode estar caindo mais de 2%.

Risco

Para entender o que é risco, vamos voltar ao exemplo dado anteriormente:

Ativo	Preço de Compra	Preço de Venda	% Retorno Absoluto Nominal
A	R\$ 100,00	R\$ 110,00	10,00%
B	R\$ 100,00	R\$ 90,00	-10,00%

Podemos dizer que o Ativo A é menos arriscado do que o Ativo B, já que no segundo caso o retorno foi negativo, correto? Não, não é assim que devemos olhar o risco. Na realidade, ambos os ativos têm o mesmo risco sob a ótica da volatilidade, um dos conceitos mais utilizados para avaliar risco.

Quando falamos de risco, medido por volatilidade, falamos de quanto ele variou em um determinado período de tempo em

relação ao seu retorno médio e isto independe da direção da variação.

A tabela abaixo apresenta os retornos mensais de dois ativos distintos:

	Ativo C	Ativo D
Janeiro	5%	7%
Fevereiro	10%	9%
Março	15%	14%
Retorno Médio	10%	10%

Considerando o modelo de juros simples, os dois ativos tiveram o mesmo retorno médio no período, isto é, o resultado final em termos absolutos de ambos investimentos foi o mesmo. Porém, esses investimentos apresentaram riscos diferentes. Isto porque o retorno mês a mês de cada um foi distinto.

Se fizermos a diferença do retorno mês a mês frente a média do retorno do período, obtemos a seguinte tabela:

	Diferença em relação à média: Ativo A	Diferença em relação à média: Ativo B
Janeiro	-5%	-3%
Fevereiro	0%	-1%
Março	+5%	+4%

Olhando a tabela acima, vemos que os investimentos apresentaram comportamentos distintos mês a mês. Mas qual apresentou maior risco?

$$s = \sqrt{\frac{\sum_{i=1}^N (x_i - \bar{x})^2}{N-1}}$$

x_i = valor individual
 $\bar{x}$ = média dos valores
 n = número de valores

O primeiro passo para calcular o desvio padrão foi feito na tabela apresentada acima, fazendo

a diferença de cada retorno mensal frente a média dos retornos. Utilizando os valores da tabela na fórmula do desvio-padrão, teríamos:

- **Ativo A:** $((-5)^2 + (0)^2 + (5)^2 / 2)^{1/2} = 5\%$
- **Ativo B:** $((-3)^2 + (1)^2 + (4)^2 / 2)^{1/2} = 3,61\%$

Assim, calculando o desvio-padrão, podemos ver que Ativo A apresenta maior risco do que o Ativo B. Isso porque o desvio-padrão do Ativo A é maior do que o desvio-padrão do Ativo B. Em outras palavras, os retornos do Ativo A apresentaram maior dispersão em relação a média do retorno do que o Ativo B.

No exemplo acima, como tomamos como base o retorno mensalizado para calcular o desvio-padrão, o risco que enxergamos é mensalizado. Para observar o retorno anualizado, teríamos que multiplicar o valor pela raiz quadrada de 12 meses:

$$\text{Volatilidade Anual} = \text{Volatilidade Mensal} \cdot \sqrt{12}$$

Por meio da fórmula acima, descobrimos que o risco anualizado do investimento é de:

- Ativo A: 17,32%
- Ativo B: 12,49%

Se tivéssemos calculado o risco sobre dados diários, não mensalizados como fizemos no exemplo acima, a fórmula para anualizar o risco seria:

$$\text{Volatilidade Anual} = \text{Volatilidade Diária} \cdot \sqrt{252}$$

Esse é o modelo mais simples de avaliação de risco, sendo que há outros, como o VaR e Teste de Stress. O VaR reflete a perda máxima dado um intervalo de tempo e uma probabilidade. Por exemplo, caso o VaR de 21 dias seja de R\$ 100 mil com 95% de probabilidade de ocorrer, isso indica que em 95% das vezes que há perda no período de 21 dias, esse será no máximo de R\$ 100 mil. Já o Teste de Stress mostra como o investimento se comporta em diferentes cenários simulados de grande volatilidade.

Juros Simples e Compostos

Comentamos que o exemplo acima levou em consideração o conceito de juros simples. Esse é um conceito importante ao ver o retorno do investimento, sendo que contrasta com o conceito de juros compostos. No Brasil, os juros compostos acabam sendo mais difundidos no mercado financeiro do que os juros simples.

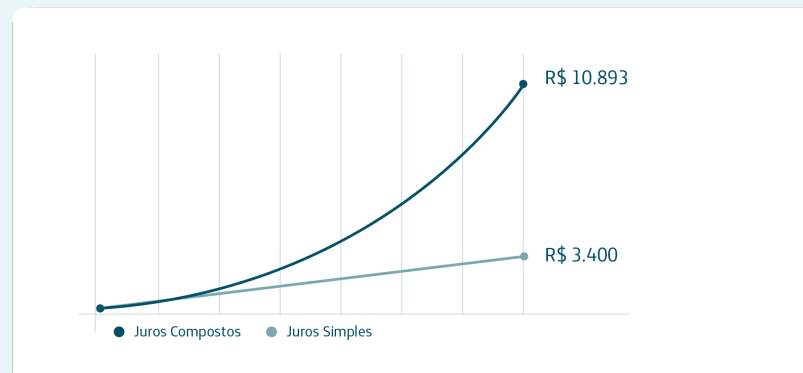
No juros simples, o cálculo dos juros toma como base o montante inicial. Por exemplo, se for investido R\$ 1.000,00 a juros de 1% ao mês, no modelo de juros simples, teríamos:

Período	Juros
1	R\$ 10,00
2	R\$ 10,00
3	R\$ 10,00
4	R\$ 10,00
5	R\$ 10,00
Total Juros	R\$ 50,00

Nos juros compostos, a correção do valor considera tanto o montante inicial quanto os juros acumulados até o momento. Na prática, considerando um investimento de R\$ 1.000,00 a juros de 1% ao mês, o total de juros ganhos ficaria:

Período	Juros
1	R\$ 10,00
2	R\$ 10,10
3	R\$ 10,20
4	R\$ 10,30
5	R\$ 10,41
Total Juros	R\$ 51,01

Percebemos que o total de juros quando consideramos os juros compostos é maior do que o simples. A diferença de qual juros é considerado pode apresentar impacto relevante no desempenho do fundo. Veja a diferença no gráfico abaixo. Utilizando as mesmas premissas dos exemplos acima para um período de 20 anos, olhando o montante principal mais os juros, teríamos o seguinte comportamento:



Combinação de Classes de Investimento

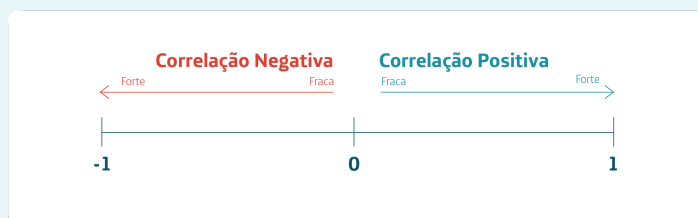
Podem ser combinadas classes de ativos com diferentes riscos e retornos para formar investimentos mais equilibrados, seguindo assim a cartilha da diversificação. Para entender como isso é possível, precisamos observar um conceito muito importante, que é o da correlação. A correlação indica o tipo de relação que tem duas ou mais variáveis. No nosso caso, essas variáveis são os ativos.

A correlação varia entre os valores -1 e 1. Os valores extremos (-1 e 1) indicam que a correlação é forte e o valor central (0) indica que não há correlação entre as variáveis:

Quando o valor é igual a 1 (correlação perfeitamente positiva), as variáveis seguem a mesma direção. Por exemplo, se um ativo valoriza, o outro ativo também se valorizará na mesma intensidade.

Quando o valor é de -1 (correlação perfeitamente negativa), as variáveis seguem direções opostas. Por exemplo, se um ativo valoriza, o outro ativo se desvaloriza na mesma intensidade.

Quando o valor da correlação é 0, as variáveis analisadas não apresentam relação entre si. Assim, não dá para entender o que acontecerá com um ativo olhando o outro ativo.

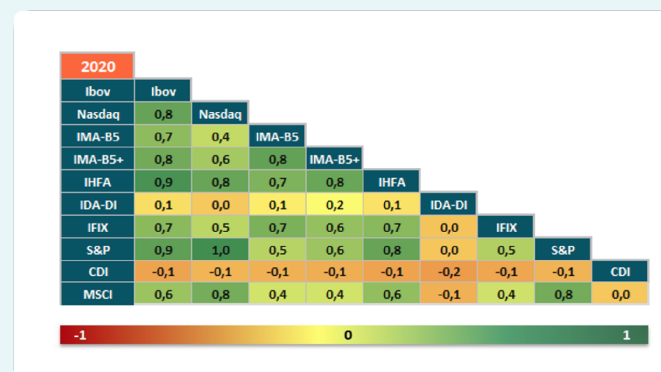


Para montar uma carteira de ativos, o melhor é não selecionarmos ativos que são fortemente correlacionados entre si. E também devemos fugir da correlação 0, já que o comportamento conjunto dos ativos não será previsível. O ideal é sempre buscar correlações entre 0 e 1 e -1 e 0, sendo que o grau de correlação selecionado irá variar conforme a estratégia definida pelo gestor.

Quando é criada uma carteira em que os ativos tenham correlação entre 0 e 1, o gestor reforça a direção, mas contém a intensidade. Isto é, quando um ativo se valoriza, o outro tende também a se valorizar, mas em uma intensidade menor. Porém, quando há perda, o ativo que seguiu o ganho também tende a conter a perda.

Quando é criada uma carteira em que os ativos tenham correlação entre -1 e 0, o gestor trabalha melhor a questão da proteção da carteira, pois quando um ativo se desvaloriza, o outro tende a se valorizar. Porém, essa composição também segura a rentabilidade, pois na valorização de um ativo, o outro tende a se desvalorizar.

Abaixo temos a correlação entre diversos índices do mercado (base julho/2020):



Conclusão

O melhor investimento para você depende do seu perfil e dos seus objetivos. Para decidir, você deve observar quanto de risco você estaria confortável de tomar frente ao potencial de retorno que o investimento pode gerar. Também é importante sempre ter em mente que risco maior indica que o investimento apresenta variações mais frequentes e elevadas durante o período que você mantiver o investimento, assim, se você precisar de previsibilidade, por exemplo, para arcar com gastos determinados, opções de investimento conservadores podem acabar sendo mais adequadas.

A woman is swimming in the ocean, her body partially submerged. She is looking towards the right, with her arms extended forward. The water is dark and rippling. In the background, there are mountains under a sky with scattered clouds. The sun is low on the horizon, creating a warm, golden glow and lens flare effects across the scene.

#Semana 3

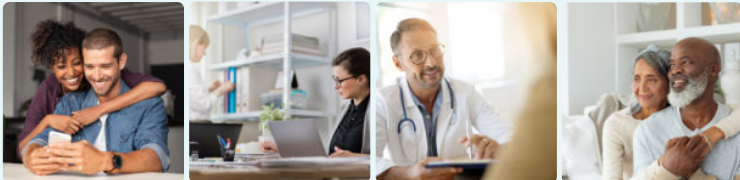
Perfis de Investimento

Perfis de Investimento

As pessoas apresentam entre elas e ao longo da vida necessidades diferentes. Para investir com qualidade, é necessário que cada um entenda qual é a sua necessidade financeira presente e futura e entenda seu próprio comportamento em relação às altas e baixas do mercado financeiro.

Vejamos 4 situações abaixo*

[1] Situações retiradas do material de estudos para o CPA-10 da Anbima, Capítulo 4. Visite o site: https://www.anbima.com.br/pt_br/educar/certificacoes/cpa-10/material-de-estudos/material-de-estudos-cpa-10.htm



1 Um casal de jovens, com idade por volta de 28 anos, deseja investir na carreira e cursar MBA no exterior. Os jovens, que juntos têm economias de R\$ 40.000,00, também desejam poupar mais, pois não preveem receber nenhum auxílio financeiro ou herança significativa dos pais ao longo da vida.

2 Uma executiva de empresa multinacional, no auge da sua carreira e com pouco mais de 40 anos de idade, divorciada e com dois filhos, tem rendimentos bem acima de sua remuneração atual. Ela pretende

acumular patrimônio rapidamente e pretende aposentar-se aos 55 anos para se dedicar a interesses pessoais.

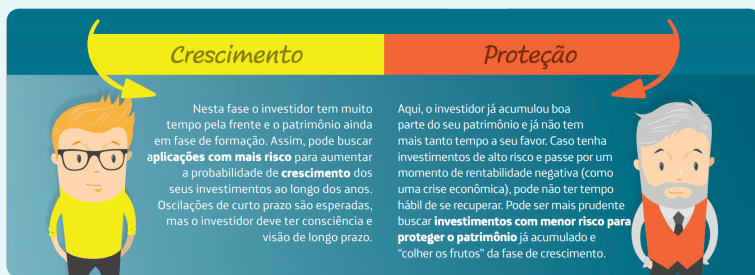
3 Um médico, solteiro e sem filhos, com 52 anos de idade, acumulou patrimônio de R\$ 7.000.000,00 em aplicações financeiras. Além disso, ele possui imóveis na cidade onde reside, bem como no interior e no litoral, e optou por não contribuir para um plano de previdência privada ao longo da carreira. Ele não pretende deixar a medicina antes dos 70 anos de idade.

4 Um casal de aposentados, com idade entre 68 e 72 anos, tem como principal patrimônio o apartamento onde residem. Suas únicas fontes de renda são as aposentadorias recebidas pela seguridade social, que cobrem apenas 50% dos gastos do casal. Além disso, têm uma poupança no valor de R\$ 450.000,00.

Ao extrapolar os exemplos acima, iremos perceber que cada pessoa se encontra em um momento diferente da vida, tendo um objetivo próprio e uma estrutura financeira distinta para atender a esse objetivo. Assim, cada pessoa tem que lidar com o dinheiro de forma diferente, definindo dentro de seu momento e perfil qual é o melhor investimento que a atenda.

Ciclo de Vida Financeira

Um conceito interessante é o de Ciclo da Vida Financeira. A Visão Prev disponibiliza em seu site um infográfico descrevendo esse conceito. Veja a figura ou, se preferir, [acesse aqui](#) o infográfico completo.



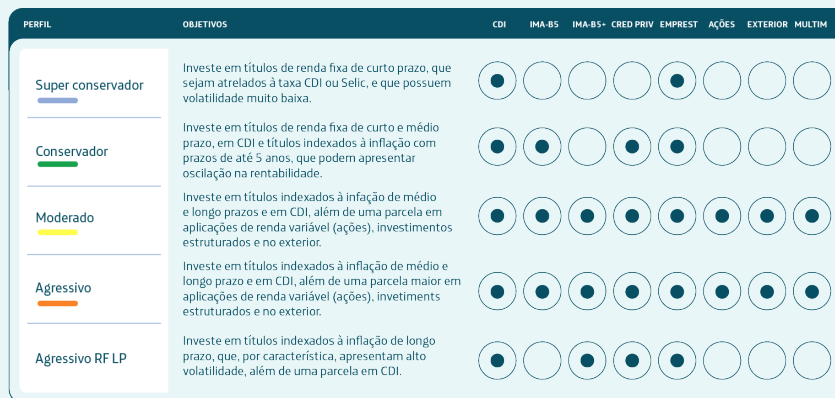
Quais são os Perfis de Investimento?

Entendendo o seu momento e perfil, você pode direcionar de forma mais consistente os seus recursos, inclusive na Visão Prev, já que ela oferece 5 perfis de investimento para seus participantes[1]:

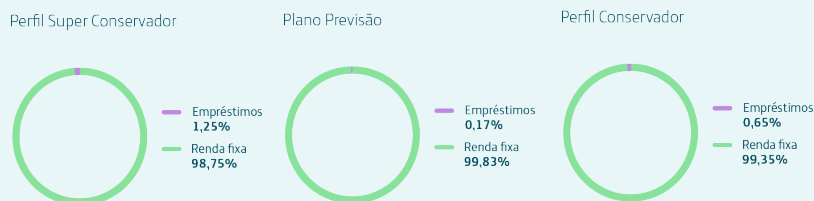
- **Super Conservador:** esse perfil dá ao participante um retorno próximo da Selic/CDI, apresentando baixo risco.
- **Conservador:** oferece a possibilidade de obter um rendimento maior do que o do Super Conservador ao investir parte dos recursos em títulos do governo federal de atrelados à inflação com vencimento até 5 anos, com contrapartida em um risco maior do que o encontrado no Super Conservador.
- **Moderado:** aqui a estrutura de investimento já é mais diversificada, sendo que parte dos recursos é alocado em ativos que apresentam maior risco, porém também com potencial maior de retorno. Esses ativos incluem títulos públicos atrelados à inflação de longo prazo (acima de 5 anos), bolsa de valores, fundos multimercados e investimento no exterior.
- **Agressivo:** esse perfil investe nos mesmos ativos do perfil moderado, porém com maior representatividade de ativos que apresentam maior risco (e maior potencial de retorno também).

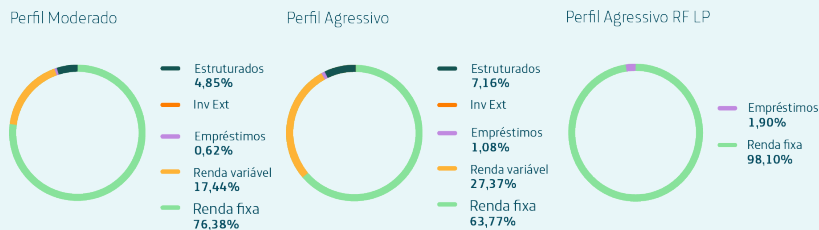
- **Agressivo Renda Fixa Longo Prazo:** esse perfil possui títulos públicos atrelados à inflação de longo prazo (vencimento acima de 5 anos). Sendo tão arrojado quanto o perfil agressivo em termos de risco e retorno potencial, pelas características dos papéis de longo prazo que compõem sua carteira[2].

Tipos de Ativos



A Visão Prev apresenta análises mensais sobre o mercado, mostrando também o comportamento de cada perfil. Acesse o Boletim de Investimento para encontrar a exata composição de cada perfil, conforme exemplo abaixo





Mudança de Perfis de Investimento

A Visão Prev permite que haja a migração entre perfis dentro de janelas específicas do ano. Assim, caso seu momento de vida ou sua perspectiva de mercado mude, você poderá alterar o seu perfil de investimento. Atualmente há 3 janelas para fazer essa alteração: (1) junho, (2) dezembro, (3) um mês por ano a sua escolha.

Porém, é importante destacar que a mudança de perfil nunca deve ser tomada por impulso. Excessos de alteração podem acabar prejudicando a sua rentabilidade.

Para entender, leia a reportagem [“PERFIL DE INVESTIMENTOS: É BOM EVITAR O EXCESSO DE ALTERAÇÕES”](#).

Para dicas de como tomar essa decisão, veja a reportagem [“TROCA DE PERFIL EXIGE AINDA MAIS ATENÇÃO”](#).

Confira na reportagem [“QUAL DOS 5 PERFIS É MELHOR PARA VOCÊ?”](#) algumas sugestões para tomar uma decisão consciente:

- Ao planejar seu portfólio (ou seja, seus investimentos como um todo e não apenas na Visão Prev), reflita sobre o risco necessário para que cada item apresente o retorno esperado dentro de seus objetivos de curto, médio e longo prazo.

- Avalie também a capacidade de risco que sua situação financeira atual e prevista permitem.
- Entenda os 5 perfis oferecidos pela Visão Prev: suas características, tipos de papéis, diferenciais e riscos.
- Informe-se sobre o cenário macroeconômico, lembrando de olhar “para frente”, pois rentabilidades passadas não garantem rentabilidades futuras.
- Analise o seu “momento de vida”.
- Compreenda seu perfil de investidor, estando atento ao “teste do sono” – ou seja, perceber quanto você se sente confortável e dorme bem frente ao desempenho do seu perfil atual (e dos demais componentes de seu portfólio) frente ao desempenho do seu perfil atual (e dos demais componentes de seu portfólio).

A full-page background image of a surfer riding a wave. The surfer is a woman with blonde hair, wearing a red tank top and yellow shorts, crouching on her surfboard. Water is splashing around her. The text is overlaid on the left side of the image.

#Semana 4

Finanças Comportamentais

- Parte 1

Finanças Comportamentais - Parte 1



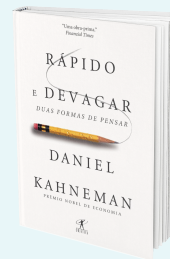
A Economia Comportamental, segundo Dan Ariely, em seu livro *Previsivelmente Irracional*, tem como objetivo entender e modelar as decisões dos indivíduos de forma mais próxima da realidade, buscando compreender as influências comportamentais conscientes e inconscientes que afetam nossas escolhas.

Você já parou para pensar como você toma decisões no dia a dia? Quando pega o carro e começa a dirigir, sem nem perceber o que faz efetivamente para se mover de um local a outro? E quando você tem um problema de matemática, no qual precisa pensar um pouco mais para resolver?

A Economia Comportamental explora alguns conceitos como esses para nos ajudar a entender melhor como tomamos decisões. Pelo *Guia de Economia Comportamental e Experimental*, publicado em 2015, as

organizadoras Flávia Ávila e Ana Maria Bianchi trazem conteúdos de diversos autores, no qual há o destaque de que a Economia Comportamental entende que as pessoas decidem com base em hábitos, experiências pessoais e regras práticas; apresentam dificuldade de conciliar interesses de curto e longo prazo e são influenciadas por fatores emocionais.

É comum pensarmos que temos controle sobre nossas atitudes e escolhas, porém, muitas vezes, estamos apenas executando um processo que já foi predeterminado pelo nosso cérebro, e sequer há uma chance de pensarmos o contrário.



No livro *Rápido e Devagar – Duas Formas de Pensar* (2011), o autor Daniel Kahneman menciona que somos direcionados por um modelo de processamento dual, conhecido como Sistema 1 e Sistema 2.

- No Sistema 1, atuamos no Reino das Heurísticas, agindo de forma automática, intuitiva e emocional, inconsciente e sem muito esforço. É um processo mais rápido.
- No Sistema 2, atuamos no Reino da Lógica, fazendo algo de forma deliberada e consciente. É um processo mental controlado e mais trabalhoso, onde a tomada de decisão é mais devagar.

Você sabe o que é uma heurística?

Nosso subconsciente guarda informações que são acessadas, quando precisamos. Uma heurística é um processo cognitivo que ignora parte da informação com o objetivo de tornar a escolha mais fácil, ou seja, é um atalho mental que permite tomar as decisões de forma mais rápida (BAZERMAN, & MOORE, 2008; KAHNEMAN & TVERSKY, 1974).

Essas heurísticas são acionadas, quando precisamos tomar alguma decisão. No entanto, em alguns momentos, podemos acionar um comportamento que não é o mais adequado para uma decisão mais assertiva (Kahneman, 2011).

Existem três heurísticas fundamentais, que consideram muitos vieses envolvidos (BAZERMAN, & MOORE, 2008; KAHNEMAN & TVERSKY, 1974)):



Disponibilidade

A heurística da disponibilidade indica que alguém define a probabilidade de algo acontecer pela facilidade com que se lembra de um evento similar ter acontecido no passado. Explica como nossas decisões são afetadas pela disponibilidade das informações que temos acesso. Informação que vem rapidamente na nossa mente é usada para tomar decisões e deixar de usar fatos completos que nos permitam avaliar a informação toda.



Representatividade

O uso de atributos similares para julgar a probabilidade da ocorrência de um evento e não olhar para os dados e as estatísticas.



Ancoragem

Estimar algo aplicando ajustes incompletos sobre uma âncora escolhida arbitrariamente. Uma pessoa define um conceito a partir de uma informação inicial – relevante ou não – fornecida anteriormente.



Vieses de Ação

- Excesso de otimismo: superestimamos o futuro positivo e subestimamos o futuro negativo.
- Excesso de confiança: superestimamos as nossas habilidades e o nosso controle sobre o futuro



Vieses de Percepção

- Viés de confirmação : a exceção que confirma a regra.
- Viés de conformidade : esforçamo-nos no consenso.
- Egocentrismo : focamos no nosso ponto de vista.



Vieses do Enquadramento

- Aversão às perdas : somos conservadores se nos sentimos em região de lucro.
- Falácia do custo irrecuperável : olhamos para o custo passado quando avaliamos o futuro.
- Escalada de compromisso: seguimos investindo naquilo que conhecemos.
- Falácia do controle : não acreditamos na sorte.



Vieses da Instabilidade

- Inércia : acreditamos no status quo.
- Viés do presente : desconsideramos o nosso futuro eu.



Outros Vieses

- Efeito Manada: A pessoal segue o que a maioria faz.
- Saliência : Avaliamos segundo a facilidade com que lembramos das coisas.
- Normas Sociais : As decisões que tomamos estão altamente influenciadas pelas nossas convicções sobre o que é justo.
- Simplificação do Processo : As pessoas são preguiçosas, quando um processo é complexo, deixam a tarefa.
- Insensibilidade aos Números : As pessoas são insensíveis aos grandes números e tomam condutas desproporcionadas.

O ser humano não gosta da incerteza, muito menos de estar errado, prefere focar em determinadas partes e não no todo, então se utiliza dos vieses e de influências comportamentais para justificar sua decisão.

E por que agimos assim? Porque somos criaturas de intuição e instinto, não máquinas de calcular. Decidimos com base em hábitos e experiências pessoais. Usamos regras práticas simplificadoras. Somos mais sensíveis a perdas do que a ganhos. Experimentamos, com frequência, conflitos de curto versus. longo prazo. Somos influenciados pelos outros, como nos vemos e queremos ser vistos.

Veja o seguinte exemplo e escolha o que você prefere:

- Ter 85% de chance de ganhar R\$ 1.000 ou ter a certeza de ganhar R\$ 800.
- Ter 85% de perder R\$ 1.000 ou ter uma perda certa de R\$ 800.

Na primeira decisão, a grande maioria das pessoas prefere o

ganho certo, ou seja, as pessoas são avessas ao risco. Na segunda decisão, a grande maioria das pessoas prefere apostar, arriscando a ter uma perda maior do que a que teria se escolhesse a segunda alternativa. Acabam, assim, tornando-se tomadores de risco.

Tudo isso também se aplica às nossas decisões sobre investimentos, sobre previdência. Nosso comportamento financeiro costuma ser influenciado pelas heurísticas.

Para você ter uma ideia de como algumas pessoas investem recursos sob o efeito dos vieses comportamentais, veja o que está acontecendo com a Poupança. Um artigo publicado pelo Uol em agosto de 2020 apresentou informações sobre a captação da Poupança: de janeiro a julho do corrente ano, período no qual estivemos a maior parte e ainda estamos vivenciando uma pandemia, a Poupança, apesar de render pouco, continua recebendo muito dinheiro dos brasileiros.

Analisando sob o foco da economia comportamental, descrevemos abaixo alguns fatores que podem enviesar o aporte de dinheiro na poupança:

- Pela Ancoragem: a pessoa, por ter escutado de familiares que investir na Poupança é a melhor opção, leva isso consigo para a vida toda, sendo isso uma âncora para a decisão de deixar o dinheiro na poupança.
- Pela Disponibilidade, que influencia a decisão pela lembrança que vem a nossa mente e aparece muito no comportamento geral por conta da relevância dos fatos que lembramos com mais facilidade, uma pessoa investe na poupança porque é o que ouvia em casa e, às vezes, também em conversas com amigos. Por que vai buscar algo diferente se a poupança sempre foi apresentada como algo mais garantido? A pessoa tem

familiaridade com o termo Poupança, então esse é o investimento que vem à mente, quando tem algum dinheiro para investir.

- Pelo enquadramento, uma pessoa concentra sua atenção em opções específicas e aparentemente atraentes, ignorando toda a gama de opções disponíveis. É muito mais fácil uma pessoa deixar o dinheiro na poupança do que buscar outras opções no mercado.

Esses são alguns dos muitos vieses que norteiam nossas decisões na hora de investir, fazendo com que apliquemos nossos recursos em opções que talvez não sejam as melhores.

Você deve ter notado, ao longo do texto, que a Economia Comportamental está no seu dia a dia e talvez nem perceba. Assim, vamos procurar nos “Re-enviesar” ou “Des-enviesar”? Em outras palavras, vamos tentar alterar ou reduzir os efeitos dos vieses em nossas vidas ou utilizá-los de uma forma mais adequada?

Referência Bibliográficas

– ARIELY, D. Previsivelmente Irracional, tradução Jussara Simões, Editora Campus/Elseiver, 2008.

– KAHNEMAN, D., Rápido e Devagar, tradução Cássio de Arantes Leite, Editora Objetiva, 2011

– BAZERMAN Max H.; Moore Don A., Judgment in Managerial Decision Making, Editora Wiley, 2008

– TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases.

Science, 185 (4157), 1124-1131, 1974.

– ÁVILA, F.; BIANCHI, A. M. (Org.). Guia de economia comportamental e experimental. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: economiaComportamental.org, 2015

– OLIVEIRA, João José. Poupança perde da inflação, mas às vezes trabalho de mudar não vale a pena...UOL, São Paulo, 18 de ago. 2020. Disponível em <https://economia.uol.com.br/financas-pessoais/noticias/redacao/2020/08/19/aplicar-na-poupanca-nem-sempre-e-o-fim-do-mundo.htm>. Acesso em 16 de set. 2020.

– Material apresentado nas aulas do MBA em Economia Comportamental da ESPM- Escola Superior de Propaganda e Marketing.

A woman with blonde hair, wearing a black swimsuit, is surfing on a wave. She is crouching on a red surfboard, riding the face of a blue wave. The background is a cloudy sky.

#Semana 5

Finanças Comportamentais

- Parte 2

Finanças Comportamentais - Parte 2

Se todos cometemos erros
sistematicamente nas decisões,
então por que não elaborar novas
estratégias...?

Dan Ariely

Dan Ariely (2008), em seu livro *Previsivelmente Irracional*, na página 196, menciona: “Se todos cometemos erros sistematicamente nas decisões, então por que não elaborar novas estratégias, ferramentas e métodos para nos ajudar a tomar decisões melhores e melhorar nosso bem-estar geral? Esta é exatamente a perspectiva da economia comportamental – a ideia de que existem ferramentas, métodos e políticas que podem ajudar todos nós a tomar melhores decisões e, como consequência, a alcançar o que desejamos.”

E o que pode ser feito para usufruirmos desses atalhos direcionados pelo nosso cérebro de forma mais adequada? Primeiramente, aceitar que nem sempre agimos da melhor forma. Aceitar para conseguir enxergar os nossos comportamentos, os nossos vieses. Ao enxergar, criamos a possibilidade de poder agir sobre aquilo que nos prejudica. E essa ação exigirá gasto de energia, colocando o Sistema 2, ou o Reino da Lógica, pontuado por Kahneman (2011), para atuar.

Podemos começar tentando mudar a forma como pensamos. Em algumas situações, isso pode ser difícil, pois teríamos de fazer algo para que nosso cérebro desfaça padrões que provocam vieses. Outra possibilidade seria mudar o entorno. Com isso, podemos definir um novo viés a ser acessado.

Para tanto, algumas estratégias podem ser utilizadas para suprimir o efeito dos vieses

Como suprimir os efeitos dos vieses

01

Agir, pensando em alguma motivação: conceito difundido pelo Dan Ariely, (2008), no qual você pode definir gratificações

02

Agir no Plano Cognitivo: treinar seu cérebro para forçar a ativação do Sistema 2 antes de uma decisão e definir novas heurísticas

03

Usar a tecnologia a seu favor para simplificar o processo: criar alarmes para que uma decisão não seja tomada de forma automática ou para deixar que seja feito algo de forma automática, quando corremos o risco de esquecer.

Uma preocupação frequente é como fazer as pessoas pouparem o suficiente para a aposentadoria. Vemos isso acontecendo mundialmente, não é algo específico do Brasil. Sim, queremos mais tranquilidade, quando “pendurarmos a chuteira”, porém não queremos pensar nisso agora.

E por que temos dificuldade de guardar dinheiro para o futuro? São muitas as razões que podem nos afastar de uma tão sonhada aposentadoria com recursos que garantam nossa sobrevivência.

Para Dan Ariely (2008), temos problemas com autocontrole, relacionados à gratificação imediata versus gratificação postergada, ou seja, temos uma visão mais de curto prazo e não queremos pensar no futuro; temos uma tendência de procrastinar.

Exemplo

Vejamos a seguinte situação: uma pessoa ao começar a trabalhar em uma empresa que oferece plano de previdência precisa decidir se é melhor começar a contribuir o quanto antes e usufruir de uma contribuição que a empresa vai fazer também em nome dele, abrindo mão de uma liquidez imediata, para receber o benefício de aposentadoria no futuro.

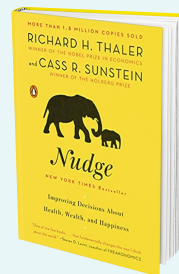
Algumas vezes, um empregado, principalmente quando é muito jovem, não quer aderir ao plano de previdência, porque não quer abrir mão daquele dinheiro. Prefere utilizar o recurso de outra forma, apesar de saber que receberia uma contrapartida pela contribuição da empresa.

Considerando que a empresa contribui com 100% do valor que o participante coloca no plano, para cada R\$ 1 de contribuição do empregado, a empresa também contribui com R\$1. Se a contribuição for de R\$ 100, a da empresa será de R\$ 100. Além da contribuição da empresa, o que for acumulando no plano também será rentabilizado.

Algumas pessoas acabam não vendo a contribuição ao plano de previdência como um investimento e sim como uma despesa e, em alguns momentos, como se estivessem “perdendo” algo, pois não podem contar com aquele dinheiro no dia a dia de forma imediata.

É melhor guardar o dinheiro para um objetivo futuro, com regras para utilização, ou deixar disponível para usar imediatamente, podendo vir a gastar com algo totalmente supérfluo?

Nudge: O Empurrão para a Escolha Certa



Um conceito de Economia Comportamental que vem se difundindo para ajudar as pessoas é o “Nudge”, explicado no livro Nudge: O Empurrão para a Escolha Certa, de Richard H. Thaler e Cass R. Sunstein (2009), que funciona como dar um toque em alguém para chamar sua atenção. É uma abordagem simples, que pode ser utilizada para alterar o comportamento de uma pessoa de forma previsível, sem proibir outras opções. Um nudge seria um reenquadramento de escolhas, feito com o objetivo de superar os vieses inconscientes que levam indivíduos a tomarem decisões consideradas irracionais. Você lembra que falamos dos Sistemas 1 e 2 e como eles atuam nas nossas tomadas de decisões?

Investir para ter uma aposentadoria mais tranquila é algo que desperta bastante interesse para autores como Dan Ariely e Cass Sunstein, pois envolve muitas discussões em relação à distribuição de ganhos e perdas de uma decisão no curto e no longo prazo.

E como o nudge vem sendo utilizado para ajudar as pessoas a tomarem melhores decisões, principalmente em relação a guardar dinheiro para a aposentadoria?

Hershfield et. al (2011) realizaram um experimento para verificar se haveria alguma conexão de pessoas com os seus “eu futuros”. Testaram em 50 participantes uma imagem gerada sobre eles mesmos quando

fossem velhos: se escolhessem poupar mais, eles iam se ver sorridentes, se escolhessem poupar menos, eles iam se ver tristes. Aqueles que foram submetidos ao estímulo escolheram poupar o dobro que o grupo que não se viu mais “velho”.

Às vezes, uma pessoa pensa em aposentadoria como algo distante e imagina que é algo que ela não vai utilizar. Ao se ver “mais velha”, foi tocada de alguma forma e despertou em si a vontade de guardar dinheiro para o futuro, deixando de lado uma visão mais imediatista.



Nos Estados Unidos, foram feitos alguns estudos de como incentivar as pessoas a guardarem mais dinheiro e uma das ferramentas utilizadas foi chamada de SMarT – Save more tomorrow, traduzido para o português como “Poupe mais amanhã”. O objetivo foi incentivar a poupança previdenciária com o comprometimento da pessoa passar a contribuir mais, considerando os aumentos salariais futuros e aumentos planejados das taxas de contribuição. Esse “nudge” passou a atingir uma grande escala e estima-se que a SaveMore Tomorrow tenha ajudado aproximadamente 15 milhões de americanos a aumentar significativamente sua taxa de poupança.

Segundo Benartzi e Thaler (2013), existem outras formas de incentivar a acumulação de recursos para realização de sonhos ou

de guardar dinheiro para a aposentadoria, sendo elas:

- Ter fácil acesso a planos de contribuição definida com desconto da contribuição em folha
- Aderir ao plano no primeiro momento, que tiver a oportunidade. Se deixar para depois, a procrastinação pode ser mais forte e, quando perceber, pode já ter muito passado muito tempo sem contribuir para o plano.
- Utilizar dos recursos do débito automático. Assim, você tem certeza de que reservará parte do que você ganha para acumular dinheiro.
- Atualmente, os simuladores que são disponibilizados em sites de entidades de previdência, como é o caso da Visão Prev, podem ajudar você a fazer várias contas de como pode acumular os recursos para a aposentadoria ou para realizar sonhos.

maisvisão

Recentemente, a Visão Prev lançou o Plano Mais Visão, plano de investimentos voltado para familiares e participantes dos demais planos, que permite acumular dinheiro para realizar sonhos, como uma viagem ou para pagar a faculdade de um filho, ou ainda se preparar para ter uma aposentadoria mais tranquila.

No site do Mais Visão você tem acesso a uma ferramenta para fazer simulações, considerando as seguintes situações: pode informar quanto quer contribuir e verá quanto vai acumular, pode informar quanto quer acumular no futuro e saberá com quanto deve contribuir ou pode informar um valor que quer receber no futuro e será informado com quanto deve contribuir.

Nesse mais novo plano administrado pela Visão Prev, você pode conciliar liquidez, de forma planejada ou no caso do surgimento de algum imprevisto, com o acúmulo de recursos, contando a gestão de especialistas para administrar seu dinheiro.

– Material apresentado nas aulas do MBA em Economia Comportamental da ESPM- Escola Superior de Propaganda e Marketing

Referência Bibliográficas

– ARIELY, D. Previsivelmente Irracional, tradução Jussara Simões, Editora Campus/Elseiver, 2008.

– KAHNEMAN, D., Rápido e Devagar, tradução Cássio de Arantes Leite, Editora Objetiva, 2011

– THALER Richard H. e Cass R. Sunstein, Nudge: O Empurrão para a Escolha Certa, 2009

– SUNSTEIN, C. Nudging: Um Guia Muito Breve. In: ÁVILA, F.; BIANCHI, A. M.

(Org.). Guia de economia comportamental e experimental. Tradução de Laura Teixeira

Motta. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015.

– BENARTZI, S.; THALER, R. Economia Comportamental e a Crise da Poupança para

Aposentadoria, 2013. In: ÁVILA, F.; BIANCHI, A. M. (Org.). Guia de economia

comportamental e experimental. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo:

EconomiaComportamental.org, 2015

A close-up photograph of a swimmer's legs and arms as they are in a starting block at the edge of a swimming pool. The swimmer is in a crouched position, ready to start a race. The background is blurred, showing the pool lanes and some lights.

#Semana 6

Dinheiro no Tempo e Marcação a Mercado versus Marcação na Curva

Dinheiro no Tempo

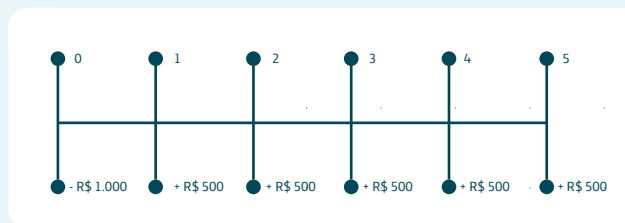
O conceito de juros compostos ou juros sobre juros é profundamente utilizado nos procedimentos do valor do dinheiro no tempo. Quando um investimento está sujeito a juros compostos, o crescimento do valor do investimento de período a período reflete não apenas os juros ganhos sobre o principal original aplicado, mas também sobre os juros ganhos sobre os rendimentos de juros dos períodos anteriores – os juros sobre juros.

A utilização do valor do dinheiro no tempo, frequentemente, exige a determinação do valor futuro de um fluxo de caixa de um determinado investimento como resultado dos efeitos dos juros compostos.

Computar o valor futuro envolve projetar os fluxos de caixa para a frente, com base em uma taxa de juros, até o fim da vida do investimento. O cálculo do valor presente funciona na direção oposta – traz os fluxos de caixa de um investimento de volta ao início do investimento com base em uma taxa apropriada de desconto.

Ser capaz de medir o valor presente ou valor futuro dos fluxos de caixa de um investimento torna-se útil ao comparar alternativas de investimento porque o valor do dinheiro do investimento e os fluxos devem ser medidos em algum ponto comum no tempo, normalmente no final do horizonte de investimento, o valor futuro, ou no início do horizonte de investimento, o valor presente.

Geralmente, é traçado uma linha do tempo antes de começar a resolver um problema de valor do dinheiro no tempo: uma linha do tempo é simplesmente um desenho dos fluxos de caixa associados às diferentes alternativas de investimentos



No fluxo de caixa apresentado anteriormente, temos uma taxa de juros envolvida, que é a nossa medida do valor do dinheiro no tempo. Veja abaixo mais alguns conceitos sobre as taxas de juros:

A Taxa de Juros de Equilíbrio é a taxa de retorno exigida para um determinado investimento, no sentido que, a taxa de retorno do mercado é o retorno que os investidores e poupadores exigem para levá-los a de bom grado emprestar seus recursos.

As taxas de juros também são chamadas de taxas de desconto. Se um indivíduo pode pedir fundos emprestados a uma taxa de juros de 10%, então esse indivíduo deve descontar os pagamentos a serem feitos no futuro a essa taxa, a fim de obter seu valor equivalente em reais em valor presente.

Por fim, também podemos ver as taxas de juros como o custo de oportunidade dos atuais consumos. Se a taxa de juros de mercado sobre títulos de 1 ano for de 5% e se o investidor decide gastar o dinheiro e não investir (adiando o consumo), ele perde a oportunidade de ganhar 5% adicionais.

Valor de Mercado e Marcação na Curva

Depois que entendemos o que é o Mercado e como funciona a taxa de juros, vamos entender como se dá o registro do preço dos ativos. Os fundos de investimentos, fundos de pensão, bancos e seguradoras precisam seguir critérios contábeis para efetuar o

registro dos ativos valorizados, obedecendo à legislação vigente.

Existem duas formas de precificar um ativo e são elas: marcação na curva e marcação a mercado.

Marcação na Curva

Marcação na curva significa que o preço de um ativo será atualizado pela taxa por qual foi adquirido. Se você comprou um CDB pré-fixado, com prazo de um ano e taxa de 10% a.a., o preço marcado na curva terá 0,038% de acréscimo todos os dias e essa variação não oscilará.

Ao ter os ativos precificados na curva, a volatilidade do mercado se anula. Porém, o grande risco está na surpresa que o mercado pode trazer no momento de necessidade de se desfazer deles. Simplificadamente, quando um cotista solicita um resgate, o gestor do fundo será obrigado a vender ativos a qualquer preço que estiver sendo praticado no mercado, para efetuar o pagamento do resgate. Se houver prejuízo nessa venda, ele ficará para os cotistas que continuarem no fundo. Isso é o que chamamos de 'transferência de riqueza'.

Marcação a Mercado

Os preços dos ativos mudam o tempo todo em função da forças atuantes no mercado financeiro: a força compradora, definida pelos investidores que querem comprar, e a força vendedora, definida por aqueles que querem vender. Se houver mais investidores querendo comprar do que vender, o preço tende a subir. Da mesma maneira, se houver mais ofertas de venda do que de compra, o preço tende a cair. Essa é a lógica

simples da lei da oferta e da procura, mas deve-se considerar não somente a quantidade de oferta e de procura, é preciso também considerar o quanto se está disposto a comprar ou vender, ao ponto de aceitar o preço.

Com os preços dos ativos marcados a mercado, todos os cotistas de um fundo possuem a mesma rentabilidade, independentemente do dia que fez seu aporte ou do dia que fez o resgate.



#Semana 7

Outros Ativos de Renda Fixa

#Nadando

Outros Ativos de Renda Fixa



Títulos Públicos

Os títulos públicos são aqueles emitidos pelo Governo. O Tesouro Nacional emite títulos da dívida pública no mercado primário, por meio de ofertas públicas competitivas, na modalidade de leilões. As receitas decorrentes das emissões de títulos da dívida pública federal são utilizadas para fazer face às despesas com o refinanciamento, os juros e outros encargos da dívida interna e externa.

Os títulos públicos também são importantes instrumentos de política monetária para controle de liquidez. Quando o Banco Central quer diminuir o dinheiro em circulação, ele vende títulos no mercado secundário. Quando quer aumentar o dinheiro em circulação, ele recompra títulos.

No mercado secundário, os títulos públicos brasileiros são negociados predominantemente no mercado de balcão. Duas

vezes por dia (manhã e tarde), as negociações são organizadas pelos agentes intermediadores (corretoras) e são chamadas de calls.

Atualmente, os títulos públicos negociados são: LTN, LFT e NTN.

Principais tipos de juros

TESOURO SELIC – LFT

A LFT (Letra Financeira do Tesouro) é um título pós-fixado, cujo fator de remuneração corresponde a 100% da variação da taxa Selic.

Seu Valor Nominal de Emissão (VNE) é R\$ 1.000,00 e o Valor Nominal Atualizado (VNA) é o valor de emissão corrigido pela Selic. É um título zero cupom, isto é, não possui fluxos de pagamentos intermediários.

O preço é negociado com ágio ou deságio, de acordo com as taxas praticadas no mercado, acarretando maior ou menor

TESOURO PRÉ-FIXADO – LTN

A LTN (Letra do Tesouro Nacional) é um título público pré-fixado – por isso, chamado atualmente de Tesouro Pré-Fixado; também é um título zero cupom. Seu valor de face (ou valor de resgate) é sempre R\$ 1.000,00.

O preço de compra é o fluxo de caixa único de R\$ 1.000,00 trazido a valor presente, pela taxa de juros negociada, isto é, os juros a serem pagos estão embutidos no deságio aplicado no preço do título, quando ele é negociado.

De acordo com o Tesouro Nacional, a estrutura de emissões de LTN é focada em prazos mais curtos.

TESOURO PRÉ-FIXADO – NTN-F

A NTN-F (Nota do Tesouro Nacional, série F) também é um título pré-fixado, porém oferece pagamento de juros semestrais de 10% a.a.

O preço de emissão é de R\$ 1.000,00 e o preço negociado será impactado pelo ágio ou deságio, de acordo com a taxa de juros praticada no mercado.

Assim, o preço de aquisição será a somatória dos fluxos de caixa, trazidos a valor presente pela taxa negociada.

TESOURO IPCA – NTN-B PRINCIPAL

A NTN-B (Nota do Tesouro Nacional, série B) é um título pós-fixado, híbrido. Sua rentabilidade está atrelada à variação do IPCA, mais uma taxa de juros definida no momento da aquisição.

Seu valor nominal unitário, na emissão, é R\$ 1.000,00, que é corrigido pelo IPCA. Enquanto não há a divulgação oficial do IPCA, utilizam-se as projeções do índice divulgadas pela Anbima.

Tendo em vista que o IPCA é sempre divulgado até o 15º dia do mês subsequente ao de sua referência, as emissões e vencimento das NTN-Bs sempre ocorrem no 15º dia.

TESOURO IPCA COM JUROS SEMESTRAIS – NTN-B

O Tesouro IPCA com juros semestrais funciona da mesma maneira que a NTN-B Principal, porém paga cupom semestral de juros de 6% a.a.

O preço de compra ou PU da Operação é a somatória dos cupons de juros e do VNA (Valor Nominal Atualizado) trazidos a valor presente pela taxa negociada.

Títulos Privados

São os títulos emitidos por empresas ou instituições financeiras do setor privado, que necessitam de capital para seus projetos.

Existe uma diversidade de modalidades de investimentos em títulos privados. A seguir, veremos as mais comuns:

POUPANÇA

A Poupança ou Caderneta de poupança é a modalidade de investimento mais popular no Brasil. Tem baixo risco e baixo retorno, quando comparada a outros tipos de investimentos. É oferecida pelos bancos comerciais e possui garantia do FGC* (Fundo Garantidor de Crédito). Possui liquidez imediata, isto é, é possível resgatar a qualquer momento. É isenta de imposto de renda.

O rendimento da poupança segue duas metodologias:

- Se taxa Selic for maior que 8,5% a.a., o rendimento será de 0,5% a.m. de juros mais a variação da taxa referencial (TR).
- Se a taxa Selic for menor ou igual a 8,5% a.a.: a remuneração será de 70% da taxa Selic mais a variação da TR (taxa referencial).

* FGC – Fundo Garantidor de Crédito: entidade que tem a função de proteger titulares de créditos de eventuais riscos em operações realizadas junto a instituições financeiras. A garantia do FGC se aplica a: 1. depósitos de poupança; 2. depósitos à vista ou sacáveis mediante aviso prévio; 3. Letras de Câmbio; 4. Letras de Crédito Imobiliário; 5. Letras Hipotecárias; 6. Letras de Crédito do Agronegócio; 7. depósitos a prazo, com ou sem emissão de certificado Recibo de Depósito Bancário; 8. Certificados de Depósito Bancário (CDB); e 9. depósitos mantidos em "contas não movimentáveis por cheques destinadas ao registro e controle do fluxo de recursos referentes à prestação de serviços de pagamento de salários, vencimentos, aposentadorias, pensões e similares". O limite máximo de cobertura é de R\$ 250.000,00, por CPF.

CDB – CERTIFICADO DE DEPÓSITO BANCÁRIO

É um investimento oferecido por bancos, com objetivo de captar recursos dos clientes a curto prazo para emprestar a outros clientes a médio e longo prazos e, assim, formar o spread bancário*. Oferece uma taxa de juros acima da poupança.

* Spread bancário: é a diferença entre os juros que o banco paga para captar os recursos (por meio da poupança e outros investimentos de renda fixa) e os juros que esse mesmo banco cobra para emprestar dinheiro.

DEBÊNTURES

As debêntures são títulos de dívida emitidos por empresas não financeiras, no formato de Sociedade Anônima (SA).

A maioria das debêntures remunera o investidor com o pagamento de juros, porém, alguns tipos oferecem a possibilidade de conversão do seu montante em ações da própria companhia. São as chamadas debêntures conversíveis.

A emissão de debêntures deve ser aprovada em uma AGE (Assembleia Geral dos Acionistas), onde são especificadas todas as condições e os critérios da emissão, assim como a obrigatoriedade de elaboração de um documento denominado “Escritura de Emissão”. Neste documento, constam os direitos dos detentores, os deveres dos emissores, o volume emitido, remunerações, cláusulas restritivas, formas de pagamento, garantias etc.

A emissão de debêntures exige um agente fiduciário, que tem por responsabilidade zelar pelo cumprimento da escritura, representar os debenturistas e defender seus direitos diante do emissor.

Em sua maioria, as debêntures são escriturais e por isso, é necessária uma instituição financeira para fazer a escrituração, registrando as trocas de titularidade.

Uma oferta pública de debêntures é semelhante ao processo de emissão de ações e requer registro na CVM.

Não existe uma padronização de remuneração e de fluxo de pagamento das debêntures. Podem ser pré ou pós-fixadas (mais comuns). Adicionalmente, algumas pagam prêmio, uma remuneração que pode elevar a remuneração ou compensar uma taxa de juros baixa. Este prêmio pode ter como base a variação da receita ou lucro da companhia.

As debêntures não têm proteção do FGC. É possível verificar o risco de crédito dos ativos emitidos pelas empresas emissoras, pelos relatórios elaborados pelas agências de rating.

LCI / LCA – LETRAS DE CRÉDITO

As Letras de Crédito são emitidas por instituições financeiras e visam o financiamento de atividade de dois setores: imobiliário (LCI) e agronegócio (LCA). Assim, são lastreadas em operações de empréstimos e financiamentos desses setores. Possuem garantia do FGC e são isentas de imposto para pessoas físicas.

Existe uma carência a ser obedecida para o resgate; geralmente, só podem ser resgatadas no vencimento.

Os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) e os Certificados de Recebíveis do Agronegócio são títulos de crédito que também financiam projetos imobiliários e do agronegócio.

O CRI é uma securitização de direitos creditórios de financiamentos imobiliários e o CRA dos de agronegócio. Assim, são emitidos exclusivamente por companhias securitizadoras, instituições não financeiras constituídas por ações.

Não possuem um padrão de remuneração, não possuem garantia do FGC e são isentos de imposto apenas para pessoas físicas.



De forma resumida, podemos dizer que duration é o prazo médio de um título, considerando seus fluxos de pagamentos. Seu resultado pode ser em dias úteis, meses ou anos.

Quando um título apresenta um único fluxo de pagamento, em seu vencimento, a duration é simplesmente a quantidade de dias úteis remanescentes entre a data de cálculo e sua data de vencimento. Mas para calcular a duration de um título com vários fluxos, é preciso considerar todos eles e seus respectivos prazos.

A duration é de extrema importância como um indicador de sensibilidade associada à taxa de juros. Quanto maior for seu resultado, maior a sensibilidade do título em relação às variações das taxas de juros. Diante de uma maior aversão a risco ou a perdas, melhor seria um título com duration menor.

Concluindo, quanto maior a duration, maior a volatilidade do título devido às variações de taxas de juros, portanto, maior o risco. Da mesma maneira, quanto menor a duration, menor a volatilidade do título devido às variações de taxas de juros e, consequentemente, menor o risco.

An underwater photograph of a swimmer in a pool, creating a large splash of water. The swimmer is positioned in the lower right, moving towards the left. The pool floor has a checkered tile pattern, and the walls are tiled with a circular porthole visible on the right. The overall color scheme is a monochromatic teal/cyan.

#Semana 8

Crédito

Crédito



Ativos de Crédito

Debêntures

As debêntures são títulos de dívida emitidos por empresas não financeiras, no formato de Sociedade Anônima (SA).

A maioria das debêntures remunera o investidor com o pagamento de juros, porém, alguns tipos oferecem a possibilidade de conversão do seu montante em ações da própria companhia. São as chamadas debêntures conversíveis.

A emissão de debêntures deve ser aprovada em uma Assembleia Geral dos Acionistas, onde são especificadas todas as condições e os critérios da emissão, assim como a obrigatoriedade de elaboração de um documento denominado “Escritura de Emissão”. Neste documento, constam os direitos dos detentores, os deveres dos emissores, o volume emitido,

remunerações, cláusulas restritivas, formas de pagamento, garantias, entre outros.

A emissão de debêntures exige um agente fiduciário, que tem por responsabilidade zelar pelo cumprimento da escritura, representar os debenturistas e defender seus direitos diante do emissor.

Em sua maioria, as debêntures são escriturais e, por isso, é necessária uma instituição financeira para fazer a escrituração, registrando as trocas de titularidade.

Uma oferta pública de debêntures é semelhante ao processo de emissão de ações e requer registro na CVM.

Não existe uma padronização de remuneração e de fluxo de pagamento das debêntures. Podem ser pré ou pós-fixadas (mais comuns). Adicionalmente, algumas pagam prêmio, uma remuneração que pode elevar a remuneração ou compensar uma taxa de juros baixa. Este prêmio pode ter como base a variação da receita ou lucro da companhia.

As debêntures não têm proteção do FGC – Fundo Garantidor de Crédito. É possível verificar o risco de crédito dos ativos emitidos pelas empresas emissoras, através dos relatórios elaborados pelas agências de rating.

LCI / LCA – Letras de Crédito

As Letras de Crédito são emitidas por instituições financeiras e visam o financiamento de atividade de dois setores: imobiliário (LCI) e agronegócio (LCA). Assim, são lastreadas em operações de empréstimos e financiamentos desses setores. Possuem garantia do FGC e são isentas de imposto para pessoas físicas. Este título só pode ser emitido por bancos e por cooperativas de crédito (instituição financeira pública ou privada).

Existe uma carência a ser obedecida para o resgate; geralmente, só podem ser resgatadas no vencimento.

CRI / CRA – Certificados de Recebíveis

Os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) e os Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRA) são títulos de crédito que também financiam projetos imobiliários e do agronegócio.

O CRI é uma securitização de direitos creditórios de financiamentos imobiliários e o CRA, dos de agronegócio. Assim, são emitidos exclusivamente por companhias securitizadoras, instituições não financeiras constituídas por ações.

Não possuem um padrão de remuneração, nem garantia do FGC e são isentos de imposto apenas para pessoas físicas.

FUNDOS DE INVESTIMENTO EM DIREITOS CREDITÓRIOS (FIDC E FIC-FIDC)

São Fundos compostos por títulos de crédito originários de operações realizadas nas instituições financeiras, na indústria, arrendamento mercantil, hipotecas, prestação de serviços e outros títulos que possam ser admitidos como direito de crédito pela CVM. Desta forma, as operações de crédito originalmente feitas podem ser cedidas aos Fundos que assumem estes direitos creditórios. Esta operação permite aos bancos, por exemplo, que vendam seus empréstimos aos FIDC, liberando espaço para novas operações, e aumentando a liquidez deste mercado.

Esses fundos podem ser:

- Abertos: quando os cotistas podem solicitar resgate das cotas, de

acordo com o estatuto do Fundo.

- Fechados: quando as cotas podem ser resgatadas somente ao término do prazo de duração do Fundo, ou no caso de sua liquidação.

Os benefícios dos FIDC são:

- Para quem cede os direitos creditórios: diminuição dos riscos de crédito e “liberação de espaço no balanço”.
- Para as empresas: mais liquidez no mercado de crédito.
- Para os investidores: uma alternativa de investimento que tende a oferecer uma rentabilidade maior do que a renda fixa tradicional.

O principal risco para o investidor em FIDC é o crédito da carteira de recebíveis, ou seja, o retorno está diretamente ligado ao nível de inadimplência dos recebíveis que formam o lastro da carteira. Os FIDC podem operar no mercado de derivativos (bolsas e balcão com sistema de registro) somente para proteger suas posições à vista.

CERTIFICADO DE DIREITOS CREDITÓRIOS DO AGRONEGÓCIO – CDCA

Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio é um título de crédito nominativo, de livre negociação, representativo de promessa de pagamento em dinheiro e constitui título executivo extrajudicial. A emissão do CDCA é vinculada a direitos creditórios originários de negócios realizados por agentes da cadeia produtiva do agronegócio.

A principal vantagem para o investidor é a obtenção de recursos para atender as necessidades de fluxo de caixa, com taxa de juros fixa ou flutuante, utilizando o CDCA como título de crédito, emitido em taxa de juros fixa ou flutuante e alíquota zero de IOF. Podem emitir CDCA: as

cooperativas de produtores rurais e de outras pessoas jurídicas que exerçam a atividade de comercialização, beneficiamento ou industrialização de produtos e insumos agropecuários ou de máquinas e implementos utilizados na produção agropecuária. Os lastros do título devem ser registrados em entidades autorizadas pelo Banco Central.

Bibliografia

Definições retiradas do site da B3:

http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/

Livro Mercado Financeiro – Eduardo Fortuna, 1994



#Semana 9

O que é uma Ação

O que é uma Ação



O mercado de renda variável é aquele, como o próprio nome diz, que tem seus rendimentos variáveis ao longo do tempo, ou seja, não podem ser determinados no momento da aplicação, como no caso da renda fixa. Assim, não existe qualquer previsibilidade de ganhos ou garantia sobre os ativos, sendo o lucro ou prejuízo determinado pelas oscilações dos preços dos ativos.

Os ativos de renda variável são considerados mais arriscados, justamente por não garantirem rentabilidade. Apesar disso, o que mais chama a atenção dos investidores para a renda variável é a possibilidade de obter uma rentabilidade acima da média, principalmente no longo prazo. Existem diversos tipos de investimentos considerados como renda variável e, em sua maioria, são negociados em bolsa de valores, como: Ações, Fundos de Ações, ETFs, Fundos Imobiliários, ativos negociados em mercado futuro.

Ações

De forma simples, uma ação é a menor fração do capital social de uma empresa, ou seja, quem adquire uma ação se torna sócio da empresa, na proporção das ações adquiridas. Atualmente, as ações são emitidas sem valor nominal e de maneira escritural, representando um direito sobre os ativos e lucros da empresa.

O mercado de ações, assim como das Sociedades Anônimas (S.As.), é normatizado pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários). Quando uma sociedade anônima emite e distribui publicamente ações ou outros valores mobiliários, ela se torna uma companhia aberta e precisa atender maiores exigências relativas à disponibilidade de informações e procedimentos societários. Abrir o capital de uma empresa significa colocar ou vender valores mobiliários ao público. Para isso, a empresa precisa obter registro de companhia aberta e de distribuição de valores mobiliários junto à CVM.

A abertura de capital de uma empresa é conhecida como IPO (Initial public offering). É o momento, no qual a empresa vende suas ações ao público pela primeira vez. Esse movimento gera um fluxo de caixa à empresa, que recebe os recursos das vendas das ações. As compras e vendas posteriores são feitas no mercado secundário, entre os investidores, e não afeta o caixa da empresa.

Tipos de Ações

As ações podem ser divididas em duas classificações, ON e PN, que diferem as ações quanto aos direitos e deveres dos investidores:

ON – Ordinárias Nominativas

Dão ao acionista o direito de voto nas assembleias da empresa. Isto significa que o acionista pode participar e influenciar nas decisões da empresa e em suas estratégias (eleições de diretoria, alteração de estatuto, decisões de investimento, entre outros). Cada ação equivale a um voto. É possível identificar uma ação ordinária pelo seu código, terminado em 3, como ITUB3. Elas são protegidas pela Lei das Sociedades Anônimas com o chamado “tag along”, que será abordado profundamente mais abaixo.

PN – Preferenciais Nominativas

Diferentemente das ON, as ações preferenciais nominativas não dão direito a participação na administração da empresa. Entretanto, ela garante preferência no recebimento dos lucros da organização, bem como de reembolso de capital no caso de liquidação da empresa. É possível identificar uma ação preferencial pelo seu código, terminado em 4, como PETR4. Além disso, existem as ações com o código de final 11, que são as Units, formadas pela composição das ordinárias e preferenciais (exemplo, BPAC11). As ações ordinárias são todas, obrigatoriamente, da mesma classe.

Direitos dos Acionistas

Os direitos dos acionistas estão definidos na Lei das SA. – Lei nº 6.404/76 e alterações posteriores. Os principais direitos estão relacionados no artigo 109, conforme segue:

- Participação nos Lucros: dividendos, juros sobre capital próprio, distribuição de rendimentos;
- Participação no acervo da companhia, em caso de liquidação – depois de pagos todos os credores, os acionistas têm direito de receber o patrimônio remanescente da companhia, na proporção

de sua participação no capital social;

- Fiscalização na gestão: feita fundamentalmente por intermédio de um Conselho Fiscal, cujo funcionamento deve estar disposto no estatuto social;
- Preferência na subscrição de ações, debêntures e bônus de subscrição;
- Direito de Retirada: direito que o acionista tem de se retirar da companhia e ser reembolsado pelo valor de suas ações (pelo valor patrimonial ou conforme estabelecido em estatuto), caso discorde de algumas decisões (previstas em lei) tomadas por assembleia geral.

Subscrição de Ações

Subscrição é assumir por escrito o compromisso de pagar por ações compradas no processo de emissão ou venda de ações realizado por uma companhia.

Os acionistas da empresa têm a preferência na subscrição, proporcionalmente ao número de ações que possuem. Isto é, quando uma companhia decide emitir e vender novas ações, essas devem ser oferecidas primeiramente aos atuais acionistas, de maneiras que eles possam manter a participação acionária inalterada, caso queiram.

Caso o acionista não exerça seu direito à subscrição, a consequência é a diluição acionária, isto é, sua participação no capital da companhia emissora diminui.

Os acionistas podem vender o direito de subscrição no mercado secundário, pois a preferência de subscrição é um direito patrimonial.

Direito de Voto

Os acionistas detentores de ações ordinárias podem exercer seu

direito de votar nas assembleias gerais da companhia. As assembleias podem ser:

- **Assembleia Geral Ordinária (AGO):** reunião de acionistas que ocorre uma vez ao ano, após o fim do exercício social, com a finalidade de examinar as demonstrações financeiras, deliberar sobre a destinação do lucro líquido e distribuição de dividendos e eleger membros do Conselho Fiscal, quando for o caso.

- **Assembleia Geral Extraordinária (AGE):** convocada conforme lei e estatuto social, para decidir sobre negócios da companhia.

Proventos e Eventos

Como mencionado anteriormente, os investimentos em ações não possuem qualquer garantia acerca da rentabilidade do investimento, tampouco é possível conhecer o retorno no momento da aplicação. Entretanto, existe uma estrutura estabelecida para remuneração ou ajustes das ações, que são:

Dividendos

É parte do lucro líquido da companhia, que é distribuída aos acionistas, a cada exercício social, respeitando o mínimo obrigatório por lei ou definido em estatuto social.

O montante distribuído dependerá do resultado financeiro da empresa e de sua necessidade de financiamento.

Juros sobre Capital Próprio (JCP)

Os juros sobre capital próprio também são lucros distribuídos pelas empresas aos seus acionistas.

A diferença entre dividendos e juros sobre capital próprio está na forma de contabilização feita pela empresa. Os JCPs são realizados antes da apuração do lucro líquido, sendo contabilizados como

despesa dedutível para fins de apuração do lucro real e, consequentemente, do imposto a pagar pela empresa. Porém, a tributação acontece para o acionista, quando ele recebe, com alíquota de 15%.

Importante! Quando uma empresa distribui dividendos ou juros sobre capital próprio, ela está entregando uma parte do seu patrimônio aos acionistas. Por isso, quando estes eventos ocorrem, o preço da ação cai. Isso não significa perda, mas sim, uma realização. Para o acionista, o retorno de seu investimento é composto pela valorização do preço de suas ações e pelos dividendos e juros que recebe.

Após a distribuição, o preço da ação fica “ex-dividendo” (sem dividendo) ou “ex-juros sobre capital” (sem juros sobre capital), sendo calculado pela seguinte fórmula:

$$P_{ex} = P_{cheio} - D - J$$

Onde:

P_{ex} = preço das ações depois do anúncio sobre pagamento de dividendos ou juros sobre capital

P_{cheio} = preço das ações antes do anúncio sobre pagamento de dividendos ou juros sobre capital

D = valor unitário do dividendo

J = valor unitário de juros

A quantidade de ações não se altera em função desses eventos.

Bonificação

É uma distribuição gratuita de novas ações. É um direito dos

acionistas, quando ocorre incorporação de reservas no capital social de companhias, cujas ações têm valor nominal*.

O capital social de uma companhia, cujas ações tenham valor nominal, é o produto da quantidade de ações total e o valor nominal de cada ação.

* Valor Nominal da ação é o valor da ação especificado no estatuto social da companhia (diferente da cotação de mercado).

$$\text{Capital Social} = \text{Quantidade Total de Ações} \times \text{Valor Nominal da Ação}$$

Quando há incorporação de reservas na conta de capital social, seu saldo aumenta. O valor nominal da ação não sofre alteração. Assim, é preciso aumentar proporcionalmente, a quantidade de ações, distribuindo-as aos acionistas.

$$\text{Capital Social} = \text{Quantidade Total de Ações} \times \text{Valor Nominal da Ação}$$

Para aumentar essa quantidade de ações, a empresa emite novas ações e as distribui aos seus acionistas, gratuitamente, na mesma proporção que eles já participavam.

A bonificação não é um ganho para o acionista, mas apenas um ajuste. Por isso, quando ocorre uma bonificação, o preço da ação no mercado reduz proporcionalmente.

$$P_{\text{ex-boni}} = \frac{P_{\text{cheio}}}{(1 + \text{boni})}$$

Onde:

$P_{\text{ex-boni}}$ = preço das ações depois do anúncio sobre a bonificação

P_{cheio} = preço das ações antes do anúncio sobre a bonificação

boni = fator de bonificação

Split ou Desdobramento

O preço das ações de uma companhia pode ficar muito alto, ao ponto de um lote de cem ações ficar muito caro para um investidor pessoa física, por exemplo. Quando isso ocorre, a empresa pode realizar o desdobramento (ou split) das ações, dividindo a quantidade total por um divisor a ser definido (por 2, 5, 10 ou qualquer outro denominador). O valor financeiro total que o acionista possui não se altera, mas a quantidade de ações e preço unitário, sim.

Inplit ou Agrupamento

O oposto do caso citado acima também pode ocorrer com uma empresa. O preço da ação pode cair muito e ficar muito baixo, podendo até chegar ao ponto de não ter como cair mais; por exemplo, uma ação valendo R\$ 0,01.

Nesse caso, a empresa pode decidir fazer um agrupamento das ações (ou inplit), juntando várias ações em uma só. Por exemplo, o caso da ação valendo R\$ 0,01, a empresa pode fazer um agrupamento de 100 ações, isto é, 100 ações passam a significar 1 ação somente. Assim, o preço da ação, após o agrupamento, passa a ser R\$ 1,00. Um agrupamento de ações pode significar espaço para maiores quedas.

$$P_{\text{ex-grup}} = P_{\text{cheio}} \times n$$

Onde:

$P_{\text{ex-grup}}$ = preço das ações após o agrupamento

P_{cheio} = preço das ações antes do agrupamento

n = fator de agrupamento

Tag Along

Quando ocorre a alienação de controle de uma companhia aberta, o novo controlador tem a obrigação de realizar uma oferta pública para adquirir as ações pertencentes aos acionistas minoritários titulares de ações com direito a voto.

Tag along é o direito dos acionistas com direito a voto de venderem suas ações ao novo controlador, nas mesmas condições que o acionista controlador vendedor.

Esse direito pode ser estendido aos acionistas detentores de ações preferenciais, se estiver previsto no estatuto da empresa.

Classificação das Ações Quanto às Empresas

As ações também podem ser classificadas pelo volume de negociação diária, o que pode determinar seu nível de liquidez, além do tamanho da empresa e sua consolidação no mercado. Assim, podem ser classificadas em:

Primeira Linha ou Blue Chips

São ações das empresas mais consolidadas no mercado, mais listadas em bolsa e que são referências nos setores que atuam. Apresentam maior liquidez e menor volatilidade, por serem mais seguras.

São conhecidas como Blue Chips, como referência às fichas azuis, que são as mais valiosas no jogo de pôquer.

O Índice Bovespa (Ibovespa) contém os papéis que possuem o maior volume de negociações na B3. Como as Blue Chips têm maior peso no índice, são as que mais contribuem para sua variação.

Segunda Linha ou Mid Caps

São as ações de empresas de médio ou grande porte, mas que possuem um volume médio de negociação; assim, possuem média liquidez.

Estas empresas já contam com uma estrutura bastante sólida e ainda possuem grande potencial de crescimento. Elas não têm tanto peso no Ibovespa e por isso, o desempenho delas pode ficar descolado do Ibovespa. A B3 criou um índice exclusivo para as Mid Caps, o MLCX.

Terceira Linha ou Small Caps

São ações de empresas mais novas, de médio e pequeno porte – valor de mercado entre 300 milhões e 2 bilhões de reais. Mesmo que o faturamento dessas empresas seja alto, ainda podem ser consideradas pequenas na Bolsa de Valores, porque apresentam menor liquidez e baixo volume de negociação.

Geralmente, são empresas mais arrojadas, que procuram se diferenciar e inovar, buscando um futuro promissor e um lugar de destaque.

A B3 também tem um índice que é composto pelas ações das empresas consideradas small caps, o SMLL.



#Semana 10

Gestão Ativa versus Gestão Passiva e Valuation

Gestão Ativa versus Gestão Passiva e Valuation



A gestão de ativos financeiros, tanto de renda fixa como de renda variável, pode ser feita de duas maneiras distintas, cada uma delas buscando um objetivo de retorno diferente. Trata-se da gestão passiva e da gestão ativa. No decorrer do texto, apresentaremos como funciona cada tipo de gestão e alguns modelos de avaliação dos ativos de renda variável.

Gestão dos Ativos de Renda Variável

Gestão passiva

A gestão passiva tem como meta replicar o desempenho de um benchmark, sem a necessidade de superá-lo. Assim, a expectativa de retorno do portfólio é idêntica à expectativa do índice de referência, trabalhando com uma carteira de investimentos que tende a ser muito próxima de seu índice de referência. É uma modalidade que tem custos inferiores, dado que a estratégia de alocação e de seleção de ativos está relacionada ao benchmark escolhido, podendo a alocação variar marginalmente.

Gestão ativa

Por outro lado, a gestão ativa busca superar o seu benchmark, entregando um resultado superior ao do índice de referência. Nessa modalidade, o gestor possui maior liberdade para seleção dos ativos da carteira, compondo-a de forma a superar sua meta de retorno. Os custos da gestão ativa são costumeiramente maiores comparados aos da gestão passiva, tendo em vista que o gestor possui um trabalho maior de seleção e sofre uma maior pressão por resultados, dada sua maior flexibilidade de alocação.

Ibovespa

Antes de começarmos a falar dos modelos de avaliação das ações, que tal relembrarmos o que é o Ibovespa?

O Ibovespa – Índice da Bolsa de Valores de São Paulo – é o principal indicador de desempenho médio das ações listadas na B3. Trata-se de uma carteira teórica de ações, composta pelos papéis com maior volume de negociação do mercado, garantindo liquidez ao índice. A reavaliação da carteira é feita trimestralmente, de forma a garantir que os papéis mais relevantes da Bolsa brasileira estejam sempre compondo o índice.

Para que os ativos estejam no índice, eles precisam cumprir algumas regras:

- Volume de negócio maior ou igual a 0,01% nos últimos 12 meses.
- Participação em, no mínimo, 95% dos pregões dos últimos 12 meses.
- Não ser considerada uma penny stock, ou seja, ação com cotação média abaixo de R\$ 1.
- Não estar em recuperação judicial ou extrajudicial, regime especial de administração temporária ou intervenção.

O índice Ibovespa é calculado em pontos, que são calculados em tempo real de acordo com o resultado de cada ação que o compõe no momento. A variação dos pontos mede a rentabilidade do índice, sendo um dos principais drivers de avaliação para quem deseja investir em ações.

Modelos de avaliação de ações

Existem algumas metodologias para analisar as ações. De maneira geral, o objetivo dos modelos de avaliação consiste em verificar qual seria o preço justo do papel, ou seja, qual seria o preço “correto” do ativo considerando os resultados da empresa, o mercado atual e as expectativas acerca dos resultados corporativos. Feito isso, o investidor poderá tomar sua decisão de compra ou venda do ativo, e traçar sua expectativa de retorno sobre o valor investido.

As análises são segregadas, basicamente, em duas: análise técnica e análise fundamentalista.

Análise Técnica

A Análise Técnica (também chamada de análise gráfica) estuda o comportamento histórico dos preços e do volume de negociações, com a finalidade de efetuar projeções, encontrar uma tendência para o comportamento dos preços num futuro de curto prazo e operar baseado nelas. Através dessa análise, o investidor busca encontrar o momento ideal para a compra e venda de um ativo. Praticamente todas as corretoras disponibilizam sistemas gráficos aos seus clientes, para que eles possam acompanhar o mercado.

Pela análise técnica, também é possível comparar períodos semelhantes na história e estudar probabilidades de repetições. A análise técnica é baseada nos estudos desenvolvidos por Charles Henry Dow e Edward D. Jones[1], que iniciaram, publicando

semanalmente suas análises sobre o mercado financeiro no The Wall Street Journal, no final do século XIX. A teoria de Dow afirma que os preços praticados no mercado já consideram tudo, como resultados dos balanços das empresas, fatos importantes políticos e econômicos e são resultado das forças compradoras e vendedoras.

O comportamento do mercado nada mais é do que o comportamento das pessoas que atuam nele. Por isso, é muito influenciado por dois sentimentos muito comuns: o de medo e o de euforia (excesso de otimismo). Estes sentimentos costumam refletir num exagero de expansão ou retração, sendo importante ter cautela em momentos deste tipo. Explicações sobre como isso nos afeta foram apresentados nos tópicos de finanças comportamentais, já abordados em conteúdos anteriores.

Na análise técnica, basicamente, são utilizados três tipos de gráficos, que representam a evolução dos preços em relação ao tempo, resultantes das forças do mercado:

1. Charles Henry Dow foi um jornalista americano, co-fundador da Dow Jones & Company juntamente com Edward Jones e Charles Bergstresser. Dow também fundou o The Wall Street Journal.

Gráfico de Linhas

Evolução dos preços de fechamento em numa escala de tempo.



Gráfico de Barras

A amplitude ou tamanho das barras mostra a oscilação dos preços no dia.



Gráfico de Candlesticks

Ou simplesmente de candles: é o mais utilizado atualmente; nele, a amplitude do candle (altura) reflete a oscilação dos preços no período: candles maiores indicam maior variação nos preços, o que demonstra maior volatilidade no período analisado.



O volume negociado é um fator de extrema importância para a análise; por isso, geralmente, vem plotado abaixo do gráfico. Uma elevação de preços precisa vir acompanhada de um maior volume, para ser acreditada.

Análise Fundamentalista

A Análise Fundamentalista é elaborada com base em dois aspectos, isto é, no desempenho econômico e financeiro da empresa, comparando empresas do mesmo setor e de setores diferentes, e análises conjunturais, considerando variáveis internas e externas que exerçam influência sobre ela. É uma análise de investimento a longo prazo.

Para análise fundamentalista, são consideradas características quantitativas e qualitativas.

Aspectos Quantitativos

Entre os aspectos quantitativos, temos fatores macroeconômicos e microeconômicos.

Fatores Macroeconômicos

- Taxa de juros
- Inflação
- Nível de emprego
- Atividade

Fatores Microeconômicos

- Gestão da empresa;
- Caixa e endividamento;
- Custo de insumos e bens de produção, para determinar a margem de lucro;
- Análise da competitividade.

São necessários alguns documentos referentes à empresa, como Balanço Patrimonial, Demonstrativo de Resultado do Exercício e Demonstrativo do Fluxo de Caixa, pois são realizados estudos, como projeção de lucros e de dívidas da companhia, retorno esperado para os

acionistas, entre outros. Fatores como crescimento de receita, valor das dívidas, valor em caixa e possibilidade de pagar as suas dívidas revelam muito se uma empresa é estrategicamente viável para um investimento.

Aspectos Qualitativos

Já os aspectos qualitativos estão relacionados com a qualidade ou caráter, isto é, baseiam-se em variáveis menos tangíveis, tais como

- Características dos integrantes da diretoria e dos executivos da empresa;
- O reconhecimento e aceitação da marca no mercado;
- Patentes adquiridas
- Relacionamento entre alguns executivos com a mídia.

Toda a análise tem a finalidade de não só projetar um preço considerado justo para a ação e perspectivas para o futuro, mas também determinar o valor que a empresa tem. Com esta análise, é possível averiguar se o preço da ação está baixo ou alto, em relação ao valor da empresa.

Segundo Benjamin Graham, pioneiro na utilização de análise fundamentalista, o preço de uma ação deve representar a expectativa de lucros futuros, considerando o seu fluxo de caixa em determinado período.

Alguns modelos matemáticos são utilizados para definir os preços das ações, dos quais podemos destacar:

Método do Fluxo de Caixa Descontado

O método do Fluxo de Caixa Descontado, ou simplesmente FCD, consiste em avaliar a riqueza econômica de uma empresa dimensionada pelos benefícios de caixa a serem agregados no futuro e descontados por uma taxa de atratividade, que reflete o custo de oportunidade dos provedores de capital. É uma técnica que avalia o dinheiro no tempo, utilizado para determinar o valor presente de uma empresa com base nesses parâmetros mencionados.

Existem duas variáveis importantes na modelagem do FCD, que já discutimos bastante anteriormente, que são o risco e o retorno. Isso significa que a análise de Fluxo de Caixa Descontado utiliza projeções de fluxo de caixa e descontos para chegar a uma estimativa de valor presente. Essa estimativa é, então, utilizada para avaliar o potencial de investimento, quais os riscos e as possibilidades de ROI, caso o valor obtido da análise de FCD seja maior do que o custo atual do investimento.

O cálculo do modelo é feito da seguinte forma:

$$V_0 = \frac{fcx_1}{1+k} + \frac{fcx_2}{(1+k)^2} + \dots + \frac{fcx_n}{(1+k)^n}$$

Onde:

V_0 - é o Valor do ativo na data 0;

fcx_i - é a estimativa de fluxo de caixa gerada pelo ativo na data i;

K - é o custo de capital (taxa de desconto) apropriado ao nível de risco do ativo;

n - é o número de períodos em que o ativo produzirá fluxos de caixa.

Por ser um modelo que considera inúmeros aspectos da empresa na avaliação, é bastante utilizado pelo mercado. Entretanto, a correta estimativa das premissas do modelo é de extrema importância, ou o resultado obtido poderá levar o investidor a tomar uma decisão errada de investimento.

Modelo de Desconto de Dividendos

Uma alternativa para avaliar o preço justo de uma ação é por meio do Modelo de Desconto de Dividendos, ou simplesmente DDM. Dado que as empresas são financiadas por capital de terceiros e capital próprio e ambos os financiadores requerem um retorno pelo capital investido, o modelo visa estimar o preço justo da ação considerando os dividendos futuros esperados, trazendo-os a valor presente. Se o valor do cálculo for maior que o valor atual da ação, significa que ela está subvalorizada, sendo um indicativo para compra da ação.

O Modelo foi desenvolvido por Myron J. Gordon e Eli Shapiro, mas a fórmula ficou conhecida como Modelo de Gordon, calculado conforme abaixo:

$$P_0 = \frac{\text{Div}}{1+r} + \frac{\text{Div}(1+g)}{(1+r)^2} + \frac{\text{Div}(1+g)^2}{(1+r)^3} + \dots = \frac{\text{Div}}{r-g}$$

Onde:

P0 = Preço da ação hoje

D = Valor dos últimos dividendos pagos

R = Taxa de desconto

G = taxa de crescimento perpétua

Método de Avaliação Relativa ou de Múltiplos

Outra forma de avaliar o valor da empresa consiste no Método dos Múltiplos. Seu objetivo é alinhar o valor da empresa através de uma análise comparativa de valores de outras empresas semelhantes.

Assim, os múltiplos são valores padronizados de ativos, de maneira que se possam comparar empresas do mesmo setor ou porte, tornando-se, assim, referências para que não haja sobre ou subvalorização em relação ao mercado. Geralmente, as empresas são agrupadas em termos de risco, crescimento, potencial de geração de resultados, entre outros. O pressuposto do modelo é de que o valor de um ativo deve ser próximo a outros semelhantes no mercado. Por isso, é fundamental uma correta definição dos pares analisados, para que não haja distorção na avaliação.

A fórmula para cálculo de qualquer múltiplo é dada por uma divisão entre dois fatores, sendo o valor de mercado o numerador e a variável que torna as empresas passíveis de comparação, o denominador. Os principais múltiplos do mercado são:

- Valor da empresa / EBITDA
- Valor da empresa / Lucro Líquido
- Valor da empresa / Faturamento

Valor da empresa: Valor de mercado da companhia, considerando sua dívida de curto e longo prazos, subtraindo, então, o valor das disponibilidades do ativo circulante.

EBITDA (Earning before interest, taxes, depreciation and amortization): Mede o lucro da empresa antes de juros,

impostos, depreciação e amortização. Dessa forma, indica a capacidade de geração de caixa operacional da empresa.

Faturamento: Soma de todas as vendas, tanto de produtos, como de serviços, que a empresa realiza em um determinado período. Usualmente, são considerados 12 meses.

Lucro Líquido: Rendimento real da empresa, calculado pela diferença entre a receita total e o custo total.

Os múltiplos geralmente são classificados por categorias, as quais se destacam:

- **Múltiplo de lucro:** Mostra quanto tempo é necessário para recuperar o capital usado na compra da ação através do recebimento de lucros gerados. É muito comum encontrar análises que apresentam múltiplos de Preço/Lucro (P/L).
- **Múltiplo de valor patrimonial:** Baseia-se no valor de mercado dividido pelo valor do patrimônio líquido da empresa. Nesse caso, busca-se evidenciar quanto tenho de valor de mercado para cada 1 real de patrimônio líquido. Espera-se que o índice seja maior que 1 para que a empresa tenha valor superior à soma dos seus ativos.
- **Múltiplo de receita:** Este múltiplo é especialmente interessante para comparar empresas que atuam em mercados diferentes, onde existem regras contábeis diferentes. Pois, como a receita é a primeira linha do resultado, ela é menos influenciada pelas regras contábeis.
- **Múltiplos setoriais:** Enquanto múltiplos de lucro, de valor patrimonial e de receita podem ser calculados e comparados

entre empresas de setores diferentes, os múltiplos setoriais restringem a comparação a empresas do mesmo setor, devido ao grau de especificidade.

O método dos múltiplos é amplamente utilizado por ser simples e fácil. Porém, possui algumas limitações, o que exige alguns cuidados para contornar suas deficiências.

Os valores devem ser padronizados e as comparações devem ser feitas com empresas semelhantes. Por mais que não existam empresas idênticas, é preciso encontrar empresas com as características mais similares possíveis, evitando divergências substanciais.

Além disso, índices estão sujeitos a vieses de interpretação, sendo essencial verificar se as métricas refletem o que se quer mensurar e se as amostras têm tamanho suficiente para analisar.

Cabe ressaltar que os múltiplos são calculados com base em informações contábeis, estando sujeitas às diferentes formas de contabilização, exigindo ajustes para a comparação. Sendo assim, é importante que os valores sigam o mesmo padrão. Ademais, por utilizarem informações passadas, os índices dificilmente consideram a perspectiva futura.

#Semana 11

Riscos dos Papéis de Renda Variável e do Ibovespa



Riscos dos Papéis de Renda Variável e do Ibovespa



Índice Ibovespa

Você lembra que o Ibovespa – Índice da Bolsa de Valores de São Paulo – é o principal indicador de desempenho médio das ações listadas na B3?

É composto de uma carteira teórica de ações, considerando papéis com maior volume de negociação do mercado, garantindo liquidez ao índice.

Carteira Teórica do Ibovespa válida para 07/12/20.

Fonte: B3

Código	Ação	Qtde. Teórica	Part. (%)
ABEV3	AMBEV S/A	4.355.174.839	3,08
AZUL4	AZUL	326.903.173	0,659
B3SA3	B3	1.700.747.480	4,796
BBAS3	BRASIL	1.283.197.221	2,215
BBDC3	BRADESCO	1.253.093.907	1,379
BBDC4	BRADESCO	4.261.649.634	5,275
BBSE3	BBSEGURIDADE	671.584.841	0,926
BEEF3	MINERVA	259.565.738	0,122
BPAC11	BTGP BANCO	236.093.794	0,937
BRAP4	BRADESPAR	222.075.644	0,652
BRDT3	PETROBRAS BR	1.164.958.126	1,196
BRFS3	BRF SA	811.759.800	0,826
BRKM5	BRASKEM	264.640.575	0,282
BRML3	BR MALLS PAR	843.728.684	0,429
BTOW3	B2W DIGITAL	208.209.427	0,779
CCRO3	CCR SA	1.115.695.556	0,753
CIEL3	CIELO	1.112.196.638	0,201
CMIG4	CEMIG	969.723.092	0,589
COGN3	COGNA ON	1.847.994.874	0,461
CPFE3	CPFL ENERGIA	187.714.249	0,276
CRFB3	CARREFOUR BR	391.758.726	0,364
CSAN3	COSAN	129.314.042	0,474
CSNA3	SID NACIONAL	642.398.790	0,805
CVCB3	CVC BRASIL	149.183.975	0,147
CYRE3	CYRELA REALT	281.154.098	0,397
ECOR3	ECORODOVIAS	171.109.276	0,108
EGIE3	ENGIE BRASIL	254.792.279	0,524
ELET3	ELETROBRAS	358.018.408	0,588
ELET6	ELETROBRAS	240.019.548	0,398
EMBR3	EMBRAER	736.160.905	0,331
ENBR3	ENERGIAS BR	294.036.156	0,271
ENGI11	ENERGISA	250.679.709	0,567
EQTL3	EQUATORIAL	1.010.286.085	1,072
EZTC3	EZTEC	95.756.217	0,198
FLRY3	FLEURY	303.800.430	0,399
GGBR4	GERDAU	995.903.643	1,096
GNDI3	INTERMEDICA	581.199.237	2,085
GOAU4	GERDAU MET	693.699.918	0,351
HAPV3	HAPVIDA	1.085.228.270	0,798
HGTX3	CIA HERING	126.186.408	0,110
HYPE3	HYPERA	410.147.968	0,619
IGTA3	IGUATEMI	85.796.919	0,158
IRBR3	IRBBRASIL RE	1.255.352.371	0,415
ITSA4	ITAUSA	4.515.538.171	2,428

ITUB4	ITAUNIBANCO	4.757.466.114	6,907
JBSS3	JBS	1.568.829.515	1,73
KLB11	KLabin S/A	637.999.310	0,74
LAME4	LOJAS AMERIC	835.033.880	1,014
LREN3	LOJAS RENNER	785.417.914	1,726
MGLU3	MAGAZ LUIZA	2.675.032.004	3,037
MRFG3	MARFRIG	368.864.634	0,251
MRVE3	MRV	298.796.441	0,285
MULT3	MULTIPLAN	276.848.567	0,329
NTCO3	GRUPO NATURA	841.175.531	1,984
PCAR3	PACUCAR-CBD	156.831.174	0,532
PETR3	PETROBRAS	3.509.328.784	4,732
PETR4	PETROBRAS	4.566.457.037	6,032
PRI03	PETROLIO	135.160.900	0,362
QUAL3	QUALICORP	283.408.928	0,48
RADL3	RAIADROGASIL	1.071.470.660	1,265
RAIL3	RUMO S.A.	1.348.000.144	1,335
RENT3	LOCALIZA	594.568.300	1,912
SANB11	SANTANDER BR	355.666.691	0,717
SBSP3	SABESP	339.999.111	0,757
SULA11	SUL AMERICA	284.830.810	0,6
SUZB3	SUZANO S.A.	724.921.241	1,836
TAE11	TAESA	218.568.274	0,343
TIMS3	TIM	808.343.726	0,558
TOTS3	TOTVS	480.228.410	0,602
UGPA3	ULTRAPAR	1.088.225.414	1,148
USIM5	USIMINAS	513.781.576	0,346
VALE3	VALE	3.218.796.397	12,661
VIVT3	TELEF BRASIL	415.131.868	0,872
VVAR3	VIAVAREJO	1.594.758.941	1,34
WEGE3	WEG	674.731.315	2,324
YDUQ3	YDUQS PART	300.483.575	0,528
Quantidade Teórica Total		74.021.102.414	100
Redutor		18.322.788,79	

Índice Brasil 100 (IBrX 100 B3)

IBrX: Índice Brasil de Ações – composto por uma carteira teórica por 100 ações selecionadas na Bovespa em ordem decrescente por liquidez em termos de seu índice de

negociabilidade (número de negócios e volume financeiro medidos nos últimos doze meses).

- Universo de ativos elegíveis – Ações e units de ações.
- Critérios de Seleção – estar entre os 100 primeiros ativos em ordem decrescente de Índice de Negociabilidade (IN) (buffer 90%); 95% de presença em pregão; 0,1% do volume financeiro no mercado a vista (lote-padrão); e não ser penny stock.
- Ponderação – Valor de mercado do free float

Índice Brasil 50 (IBrX 50 B3)

O IBrX 50 é o resultado de uma carteira teórica de ativos, elaborada de acordo com os critérios estabelecidos nesta metodologia.

- Universo de ativos elegíveis – Ações e units de ações
- Critérios de Seleção – Estar entre os 50 primeiros ativos em ordem decrescente de Índice de Negociabilidade (IN) (buffer 90%); 95% de presença em pregão; e não ser penny stock.
- Ponderação – Valor de mercado do free float

Riscos

Como em todos os investimentos, existem riscos ao investir em ações. O principal deles refere-se ao risco de mercado, que é dado pela oscilação de preços e taxas, ou seja, pela valorização ou desvalorização da ação em determinado período. Vale ressaltar que apesar das oscilações de preços, o prejuízo apenas se materializa se houver a venda da ação no período em que ela estiver desvalorizada. Formando uma

carteira de diversas ações, esse risco é reduzido pelo benefício da diversificação, ou seja, ações com comportamentos opostos uma da outra (enquanto se espera valorização de uma, espera-se desvalorização de outra).

Apesar da diversificação trazer benefícios na gestão do risco de mercado, há uma parcela que não pode ser diversificada, conhecido como risco sistêmico. Esse risco é caracterizado por impactar a economia de uma maneira geral, afetando preços, taxas e moedas, não sendo possível reduzi-lo por meio de diversificação.

Por isso, investimentos em renda variável são recomendados para objetivos de longo prazo, cujos impactos de preços de curto prazo são minimizados e o rendimento segue o crescimento da empresa e da economia como um todo.

Vantagens e Desvantagens

Assim como outros investimentos, existem algumas vantagens e desvantagens de aplicar em renda variável, sendo as mais relevantes:

Vantagens	Desvantagens
• Maior rentabilidade: Dado que é um mercado que apresenta maior volatilidade (risco), espera-se também uma maior rentabilidade. • Diversificação: Existem inúmeras opções de investimento em renda variável, desde as ações, até derivativos, moedas, criptomoedas, entre outros. Assim, há como se montar uma carteira diversificada, tanto por tipo de ativo, quanto setorialmente. • Dividendos e Juros: O recebimento de dividendos e juros sobre capital próprio, periodicamente, é um complemento à valorização do ativo. • Investimento de pequenas quantias: A compra de ações não precisa ser feita por lote padrão de ações, podendo ser feita de forma fracionada, o que permite o acesso a todos os investidores.	• Risco: Por se tratar de ativos sem uma rentabilidade definida, e cujas valorizações são em função do resultado da empresa e do mercado em si, apresentam maior volatilidade. • Maior complexidade: Avaliação de ações e outros instrumentos de renda variável exige algum conhecimento e demanda tempo de avaliação, seja pela modelagem do preço do ativo, seja para acompanhar o mercado e entender o posicionamento da empresa frente a ele. • Incerteza na lucratividade: Como ativos de renda variável não possuem garantia sobre rendimentos, não há certeza sobre o resultado que irá se obter com o investimento.

Esperamos que tenha gostado dos conteúdos da hashtag **#nadando** e que esteja motivado para continuar **#nadandodebraçada** nesse universo. Não deixe de revisitar os conteúdos se, por acaso, ficou com alguma dúvida. Ah, e claro, não podemos deixar de pedir que compartilhe com seus amigos e familiares para que esse conteúdo possa chegar a mais pessoas, ajudando a melhorar e potencializar suas vidas financeiras! Continue aprendendo e se desenvolvendo!



**Visão Prev Sociedade de
Previdência Complementar
CNPJ: 07.205.215/0001-98**

Alameda Santos, 787 – Conjuntos 11 e 12
Jardim Paulista – São Paulo – SP
CEP: 01419-001

Central de atendimento

Capital, regiões metropolitanas de SP e
ligações internacionais (fixo + celular):
11 5508.8000 – seg. a sex. das 7h às 19h
Demais localidades (fixo + celular):
0800.771.7738 – seg. a sex. das 7h às 19h
(11) 97270-0345 - segunda a sexta das 7h às 19h.

#Nadando